

SISTEMATIZAÇÃO:
CURSOS DE NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS
NA ARTE DESPERTAR



CONECTAR PARA ENGAJAR

Elaboração: Edi Fonseca
2023

A narração oral das histórias

"Ao entrarmos no universo dessas histórias, no tempo do era uma vez, entramos num outro lugar, num outro tempo. Ou, como expressa muito bem a fórmula de abertura das histórias em língua inglesa, *once upon a time*, visitamos um lugar que está por sobre o tempo. Lugar que não é nem aqui nem ali, e é ao mesmo tempo aqui e ali. Um lugar e um tempo de possibilidades, como uma terceira margem do rio que somos nós mesmos, a correr por sobre o tempo. E uma vez que entramos nesse lugar e por ele nos aventuramos, as histórias podem operar." (GRILLO, 2014)

A narração de histórias é a linguagem primeira da transmissão de patrimônio cultural imaterial e, por ser a linguagem milenar de transmissão de cultura em todas as sociedades e épocas, é meio de aproximação entre as pessoas, possibilita o resgate de suas próprias histórias e identidades culturais. As histórias apoiam a criação da memória dos indivíduos, além de sensibilizá-los e permitem a ampliação do seu universo de referências culturais.

Narramos para guardar na memória, para compreender melhor o que se passa conosco e com os outros nas mais diversas formas de vida, vinculadas à cultura e ao tempo.

As histórias falam de nós, do que é humano: conquistas, derrotas, desafios, aprendizados, acontecimentos como nascimento, morte, abandono, casamento, separações, sobre sentimentos: amor, raiva, inveja, perdão, união, desunião etc.

Narramos porque precisamos compartilhar com o outro o que aconteceu, como aconteceu, o que foi sentido, apreendido.

Temos a capacidade de imaginar e criar e por meio das histórias temos a chance de nos aproximar de situações conhecidas e outras jamais imaginadas, de personagens muito semelhantes e outros muito diferentes de nós. Com as narrativas podemos, por exemplo, nos aproximar de temas delicados e difíceis abordados de forma poética, ou por meio da ironia e do humor, identificar nossas fragilidades. As histórias são assim, têm este poder. Ao nos aproximar de tantos enredos e personagens, ganhamos a

oportunidade de pensar sobre nós mesmos e sobre o mundo. Temos a possibilidade de elaborar melhor o que se passa dentro da gente ou de nos fazer perguntas.

E por fim, narramos porque temos a imaginação como possibilidade e assim, podemos sonhar - para plasmar o que desejamos, para nos impulsionar a seguir adiante.

Na imaginação encontramos os recursos para plasmar novos possíveis. As histórias nos ajudam a exercitar e enriquecer nossa imaginação e nossa potência como seres criadores.

As histórias auxiliam na construção da memória dos indivíduos, além de sensibilizá-los e permitirem a ampliação do seu universo de referências culturais.

A narração oral das histórias e a conexão com a Arte Despertar

A Arte Despertar iniciou sua trajetória com o atendimento em hospitais em 1997. A narração de histórias fazia parte das linguagens artísticas oferecidas pelas arte-educadoras e pelos arte-educadores que atuavam diretamente com os pacientes: música, artes visuais, contação de histórias e teatro – tendo como eixo estruturante a arte e a cultura. As atividades propostas para os pacientes em tratamento tinham como objetivo traçar as conexões entre suas histórias e a situação vivida no hospital, de modo a reforçar vínculos afetivos e resgatar a autoestima, contribuindo com o fortalecimento de pacientes e seus acompanhantes, no enfrentamento do período de internação.

A arte tem o poder de expressar aquilo que é indizível, por meio dela o ser humano simboliza seu encontro primeiro e sensível na interação com o mundo, numa forma de materializar sentimentos. A cultura, por sua vez, nos liga, nos leva a conhecer e valorizar nossas raízes, proporciona o intercâmbio de saberes e experiências. Ela nos fortalece pela interação e pelo sentimento de pertencer, inerentes à nossa natureza gregária.

Na relação com pacientes em tratamento, a narração oral pode propiciar um ambiente acolhedor e despertar naquele que se encontra em tratamento, a confiança e a necessidade humana de contar de si, de narrar e de trocar experiências. Ao acionar a memória e a identidade, o paciente pode alterar seu estado e dar-se conta de que sua vida não se restringe ao momento presente da hospitalização. Essa compreensão o

fortalece, contribuindo para a conscientização da dimensão que a doença assume num contexto maior: o de sua própria história.

Narrar histórias é uma linguagem, assim como a música e as artes visuais, que constitui estímulos externos que despertam imagens, sensações e emoções ligadas a experiências já vividas. Pode sensibilizar e descontraír, abrir espaço para uma interação rica, sensível e verdadeira com aqueles que interagimos. Esse campo relaxado favorece a elaboração das memórias, o relato de histórias de vida e o estabelecimento de uma relação entre as pessoas.

Como surgiu o curso de narração de histórias oferecido pela AD?

Com o passar do tempo, a Arte Despertar foi sendo solicitada para realizar atividades com os profissionais da Saúde. Em 2010 foi procurada pelo ICESP com a solicitação de promover uma ação que tivesse foco na comunicação para residentes do hospital.

Posteriormente, em parceria com a Med Alegria- organização de alunos voluntários de Medicina da USP que atuam no Instituto Central do Hospital das Clínicas da FMUSP - foi elaborado um curso de narração de histórias para este grupo de estudantes com execução de Debora Kikuti e Cibele Pedroso Zenari

A narração de histórias para os profissionais que atuam nos hospitais

Em um trabalho em equipe a escuta empática e o senso de pertencimento é o que o torna bem sucedido ou não em seus desafios cotidianos. Ao trabalhar com narrativas, os participantes têm a oportunidade de treinar a narrativa oral e a escuta de maneira simples e eficaz, contribuindo assim para a melhoria do clima organizacional e relacionamento entre as equipes.

O trabalho com as narrativas exige escuta de si e do outro e, mais ainda: disponibilidade para dialogar com o desconhecido e inventar o novo. É por isso que quando contamos ou ouvimos histórias entramos em contato com sentidos primordiais da nossa existência: nossos valores, crenças, visões de mundo, sonhos, desejos e vislumbramos, a partir do que somos, novas possibilidades.

Contar histórias permite trabalhar conceitos como identidade e pertencimento de grupo, a interação, a troca de conhecimento e a ampliação do universo cultural; uma estratégia muito antiga de comunicação para compartilhar o que é complexo de maneira simples. A palavra Comunicação vem do latim *communicare*, que significa “partilhar”, “tornar comum”. Nem sempre é fácil partilhar e tornar comum um sentimento, um valor, uma questão, uma reflexão sobre a vida.

A AD escolheu a narração oral como possibilidade para este trabalho considerando os seguintes aspectos, além dos que já foram abordados até o momento:

- Envolvimento pelo afeto

Diferente da linguagem conceitual, própria das ciências e da filosofia, que busca o sentido literal das palavras, a linguagem figurada e simbólica que encontramos nas histórias tem apelo emocional e afetivo. As histórias emocionam porque a natureza dela é imaginativa, ela fala por meio de metáforas e analogias e é justamente isso que nos faz mergulhar no conto, viver e aprender com aquela história. Por isso, desde que o mundo é mundo, o ser humano conta histórias para passar uma mensagem, uma sabedoria, ideia ou valor vestido de mito, fábula, lenda, caso.

- Outro aspecto importante é a natureza empática da mensagem que precisamos comunicar:

Ao nos depararmos com uma situação, impasse, aventura, dificuldade do herói ou heroína da história, começamos a investigar dentro de nós possibilidades de contato com aquela trama, algo que já vivemos ou que poderíamos ter vivido. Essa conversa entre as nossas paisagens internas e as paisagens do conto proporcionam um sentido de empatia e pertencimento: estão juntos narrador e ouvinte vivendo uma história que é coletiva, que nos conecta, nos engaja, nos auxilia a juntar forças e sentido em prol de um objetivo maior.

- Por fim, as histórias comunicam bem porque elas são lembradas.

Elas são lembradas justamente porque nos oferecem um sentido de ordem, de seleção às informações que chegam até nós de maneira desorganizada. Se colocarmos dados, fatos, ideias dentro de uma história que enrede o ouvinte, muito provavelmente ele não se esquecerá do conteúdo que desejamos transmitir.

A criação do curso e suas transformações

A partir das experiências vividas na parceria com o ICESP e Med Alegria, entre 2011 e 2012 os arte-educadores Kelly Jardim e o Fabio Rosa, coordenados por Maria Helena Webster, formataram um curso de narração de histórias com 48 horas de duração, para profissionais de saúde.

O curso deu origem à elaboração de um projeto que foi apresentado e aprovado pelo PRONAC. Durante sua execução, a AD recebeu o retorno de que a duração deste curso era muito grande, inapropriada para a rotina dos hospitais.

Em 2013, Cristiana Ceschi e Júlia Grillo criaram um novo desenho para o curso com 24h. No antigo modelo havia uma parte voltada para o papel do narrador e outra para o trabalho de narração de histórias com música, que foram excluídas para atender a demanda do tempo mais reduzido de duração do curso. Esta versão foi realizada em 2013 no PRONAC e posteriormente foi apresentada ao PROAC para ser realizada com profissionais da saúde e para comunidade.

Ao apresentarem aos hospitais a proposta do curso com 24h, nova solicitação foi feita, pedindo para que este tempo pudesse ser distribuído em vários formatos. Assim surgiram os seguintes modelos:

- 06 encontros de 4 horas
- 08 encontros de 3 horas
- 12 encontros de 2 horas

Estas versões de curso foram desenvolvidas no ano de 2013 e ao final do percurso, avaliaram que o modelo de 12 encontros de 2 horas não funcionava porque cada encontro tinha pouco tempo para a realização das propostas e a quantidade de

encontros possibilitava maior desistência dos participantes. Deste modo chegaram às versões de 06 e 08 encontros que funcionaram até 2023.

Em 2015 houve uma mudança no PROAC, que para de aprovar projetos desenvolvidos em escolas e espaços de saúde, passando a aceitar apenas para espaços culturais. Foi assim que neste mesmo ano a Arte Despertar desenhou o projeto com realização do curso com metade das turmas para espaços culturais e outra metade para os profissionais de saúde, atendendo a demanda dos hospitais. O projeto foi aprovado e em 2016 a AD passa a oferecer ações abertas ao público. Isso gerou bastante expectativa, pois a equipe não sabia como seria a procura, a aceitação e a avaliação das pessoas. Foi promovida a divulgação pelo Catraquinha e a procura foi imensa, algo em torno de 250 pessoas inscritas nas primeiras 2 horas. Em 2017 a equipe da AD começou a pensar em novos ajustes para os modelos de curso a partir das demandas de empresas que pediram formação para seus grupos de voluntariado, que dispunham de tempos mais reduzidos para este trabalho.

Neste mesmo período, os hospitais também começaram a avaliar que o curso de 24 horas estava longo demais para a realidade do momento. Foi então que surgiu o curso de 16 horas – 4 encontros de 4 horas. Isso coincidiu com a redução de valor de projeto que podia ser aplicado no PROAC, o que contribuiu para o desenvolvimento deste novo desenho.

Algumas edições, por dois anos seguidos, foram realizadas para profissionais de educação de redes públicas em São Paulo e São Caetano do Sul, em contrapartida para projetos do PRONAC.

Em 2020, com a Pandemia da COVID, mais uma vez foi preciso que a Arte Despertar mexesse no desenho do curso de narração de histórias. Como um curso com tantas propostas envolvendo o movimento, a expressão corporal, a interação e a troca de olhares, poderia ser realizado online? Qual o melhor formato e com quanto tempo de duração?

Desta forma nasceu a proposta online em dois formatos:

9 encontros de 2 horas com 6 horas de tarefas = 24 horas

5 encontros de 2 horas com 6 horas de tarefas = 16 horas

Nesta versão foi fundamental eleger os conteúdos considerados essenciais pela equipe de arte-educadoras e selecionar propostas viáveis de serem realizadas à distância com desafios e algumas necessidades tais como: cada participante precisava ter boa conexão com a internet e estar com a câmera do seu dispositivo ligada, para garantir a interação, manter o áudio desligado enquanto uma pessoa estivesse falando, ter uma ferramenta online que possibilitasse separar a turma em pequenos grupos, promover atividades que buscassem a expressão vocal, facial, corporal – sem que o participante precisasse sair do lugar, utilização de vídeos para aprofundamento das experiências, entre outros.

Este formato possibilitou que pessoas de outras cidades, estados e até mesmo em outros países participassem do curso.

O desenvolvimento dos cursos de Narração de histórias

Metodologia

O trabalho da Arte Despertar inicialmente foi embasado nas teorias e estudos de Paulo Freire, Lev Vygotsky, Jean Piaget e Merleau-Ponty. Esses autores ressaltam em sua obra a importância da experiência e/ou da percepção nos processos de aprendizagem e desenvolvimento humano. O caminho experiencial sempre foi uma escolha e o pilar da abordagem da AD.

A Arte Despertar, baseada em seus percursos e na teoria dos pensadores citados, escolheu utilizar a arte e a cultura para criar elementos desencadeadores de “desequilíbrio”. Eleger a música, a literatura e as artes plásticas para mobilizar no ser humano a sua capacidade inata de reestabelecer o equilíbrio, de despertar a percepção e de se desenvolver a partir da realidade vivida. Optou-se desde o princípio, por uma linha de trabalho vivencial e lúdica que cria situações propícias ao escape de esquemas previamente estabelecidos, que desencadeia reflexões, elaborações, reelaborações, conclusões, criações e mudanças em práticas cotidianas e/ou profissionais.

As atividades propostas são voltadas para movimentos corporais, jogos, e práticas relacionadas às técnicas aprendidas. Tais atividades são intercaladas com leituras de

textos, construções grupais, práticas de autoconhecimento e exposições sobre conceitos e técnicas.

A formação procura integrar os participantes ao introduzir trabalhos em duplas ou grupos e propor a discussão coletiva de textos e apresentações. Estimula, em contrapartida, o mergulho na própria história, que resgata a identidade de cada um e serve de inspiração para a narração de fatos imaginários e elaboração de outras histórias.

São abordados aspectos como: a preparação da história, a ocupação do espaço, o uso da voz, a interpretação e a improvisação. Também complementamos essa prática como o uso de recursos auxiliares como instrumentos musicais, materiais lúdicos e outros objetos.

É oferecido aos participantes um caderno de histórias, com contos selecionados pelas arte-educadoras, e uma rica lista de referências bibliográficas com foco na narração oral e ampliação do repertório literário que poderá ser enriquecido por cada integrante, pela pesquisa e pela prática, ao longo do seu percurso na narração de histórias.

No último encontro é realizado um sarau, onde cada um realiza sua apresentação e assiste às apresentações dos colegas. O sarau pode ou não ser aberto ao público.

Estrutura para o desenvolvimento dos cursos

Algumas etapas para garantir a realização dos cursos:

Ação	Responsabilidade
<ul style="list-style-type: none"> Contato com a instituição parceira – definir responsável/ponto focal, local do curso, datas e horários, público alvo, recursos materiais e humanos. 	AD junto com instituição parceira
<ul style="list-style-type: none"> Divulgação para público interessado – inscrição. 	AD e instituição parceira

<ul style="list-style-type: none"> • Convocação da dupla de arte-educadoras e planejamento. 	AD
<ul style="list-style-type: none"> • Preenchimento de ficha de perfil pelos participantes. 	AD com apoio das arte-educadoras
<ul style="list-style-type: none"> • Envio de Caderno de histórias do curso. 	AD
<ul style="list-style-type: none"> • Cadastramento dos participantes no grupo WhatsApp e/ou email. 	AD
<ul style="list-style-type: none"> • Registrar a presença dos participantes por meio de lista. 	Arte-educadoras da AD
<ul style="list-style-type: none"> • Realizar um sarau de histórias no último dia de encontro do curso – que pode ser presencial ou online – aberto ao público convidado ou não. 	AD
<ul style="list-style-type: none"> • Preenchimento de avaliação pelos participantes. 	AD e instituição parceira
<ul style="list-style-type: none"> • Produção e envio de certificado para os participantes. 	AD
<ul style="list-style-type: none"> • Produção de relatório de finalização do curso com fotos do último encontro. 	Arte-educadoras da AD

Modelos e formatos

As propostas de curso tiveram modelos e formatos diferentes ao longo do tempo, de acordo com as demandas e características do público alvo:

- **48h - 2010 - 2012**

Voltado para profissionais de saúde

Objetivo: Contribuir na ampliação dos recursos dos cuidadores para realização de um trabalho humanizado.

Conteúdos focados no papel do narrador oral, gêneros literários, música, a psicologia dos contos e os benefícios para a saúde.

Os contos apresentados vinham no conteúdo da própria apostila do curso.

- **24h - 2013**

Inicialmente este modelo foi criado para profissionais de saúde.

Objetivo: Contribuir na ampliação dos recursos dos cuidadores para realização de um trabalho humanizado.

Conteúdos menos focados na música e na psicologia dos contos e mais focados nas técnicas preparatórias para a narração.

Em 2018 foram desenvolvidos outros modelos para serem oferecidos às empresas como prestação de serviço:

16 h

- **Curso Storytelling**

Voltado para Líderes que atuam em diversas áreas de empresas privadas (nacionais e multinacionais) e Hospitais particulares.

Foco na comunicação

- **Curso de Narração, comunicação e relacionamento**

Voltado para voluntários

Foco no Desenvolvimento de Competências, Habilidades e Atitudes de Comunicação e Relacionamento

- **Curso de extensão universitária (ou livre)**

Voltado para estudantes universitários

Foco na narração oral

Estrutura das aulas 16h e 24h (últimas aulas – modelos mais amadurecidos)

- Abertura – aquecimento
- Socialização de objetivos com os(as) participantes
- Proposta de exercícios corporais e de oralidade - tanto no presencial quanto no online, maior possibilidade no presencial.
- Proposta de exercícios mais voltados para o trabalho com o estudo do texto e oralidade – versão online.
- Narração de uma história por uma das arte-educadoras
- Fechamento – avaliação
- Tarefa

Onde os cursos de narração de histórias aconteceram?

- **Hospitais**
 - AACD
 - AC Camargo
 - Autarquia Hospitalar Municipal
 - BP – A Beneficência Portuguesa
 - CAPS do M'Boi Mirim
 - GRAACC
 - Hospital Municipal Darcy Vargas
 - Hospital Menino Jesus
 - Hospital Tide Setúbal
 - Hospital Pérola Byington
 - Hospital São Luiz Gonzaga
 - IBCC Oncologia
 - InCor - Instituto do Coração do Hospital das Clínicas da FMUSP
 - IRSSL - Hospital Geral do Grajaú
 - Núcleo Técnico e Científico de Humanização – HC
 - Rede de Reabilitação Lucy Montoro
 - Sabará Hospital Infantil
 - Santa Casa de Misericórdia de São Paulo
- **Espaços culturais, sociais ou educação**
 - AAMAE
 - Biblioteca Mario de Andrade
 - Biblioteca Parque Villa-Lobos
 - Biblioteca São Paulo
 - Biblioteca Pedagógica de Limeira
 - Casa das Rosas
 - Centro Cultural Aúthos Pagano
 - Casa Cultura Mogi das Cruzes

CEU Heliópolis
IBEAC - Instituto Brasileiro Estudos Apoio Comunitário Queiroz Filho
Instituto Sociocultural do Hospital de Amor
Instituto Tomie Ohtake
Museu da Imagem e do Som de SP
Museu da Pessoa
Secretaria de Cultura do Guarujá
Secretaria de Cultura de Hortolândia
Vocação – Você em Ação

- **Na cidade de São Paulo e fora de São Paulo**
Guarujá
Hortolândia
Limeira
Mogi das Cruzes
São Paulo.

Diferenciais do curso

Como posto no início deste documento, o curso de narração de histórias nasce na AD com o objetivo de oferecer aos profissionais de saúde um olhar mais humanizado na relação com os pacientes e seus familiares e no investimento na qualidade da comunicação entre os funcionários e destes com o público atendido.

A expectativa, portanto, voltava-se para o desenvolvimento de habilidades próprias da oralidade e da escuta, como por exemplo, a intencionalidade da comunicação, a observação do próprio corpo e do corpo do outro, o uso de gestos e expressões, a tonalidade da voz e suas nuances, entre outros.

Porém, o que se pode observar ao longo desses anos, por meio das avaliações propostas ao final de cada edição, nos mais variados formatos de curso de narração de histórias, é que, além do desenvolvimento das habilidades técnicas, a experiência vivida trazia grande ganho pessoal, advindo:

- pela garantia de tempo para dedicar-se a si mesmo,
- a dedicar-se a um conhecimento e fazeres muito diferentes dos exigidos em sua profissão,

- a valorização de sua história de vida e o interesse pela história de vida das pessoas como bagagem cultural e possibilidade de criação de vínculo,
- o encontro com uma linguagem artística inerente ao ser humano,
- ao contato com textos literários de tradição oral que abrem espaço para o imaginário e a ampliação cultural,
- a possibilidade de encontrar novos caminhos de ação inspirados na narração oral.

Alguns depoimentos:

"Agradeço por esta oportunidade, desejo que este projeto permaneça vivo por muito tempo, pois o que vocês fazem é realmente necessário para preservar a cultura e o senso de humanidade que somente a arte nos permite contemplar. Sucesso a todes envolvidos! Assim falei, Adriana Sayuri Tomiyoshi."

"Florescer.... Assim como o vento que sopra as sementes das árvores, das flores no jardim, o curso de narração de histórias foi assim; quis o destino que o vento desta soprasse e semeasse novos jardins, mas muitos jardins para que esse período de isolamento não ficasse tão cinza e tão ranzinza. E desta maneira passaram-se dois meses e uma vez por semana uma nova sementinha era plantada pelo vento, que por sua vez fez questão de semear com perfeição. O meu jardim está mais florido, alegre. Colorido.... E agora o vento se despede levando consigo as sementes que por hábito carrega consigo e as que colheu neste novo jardim. E eu só tenho a agradecer este vento delicioso.... Está foi a minha impressão do curso, grata."

Aluna turma Tomie Ohtake

"Em tempos de pandemia, estar em um curso sobre narrativas é intenso e fomenta a esperança para resistirmos." depoimento de aluno da turma em parceria com o Instituto Tomie Ohtake."

"O curso foi doce... Acho que essa é a melhor denominação. Foi humano, artístico. Foi, além de um espaço de aprendizado, um espaço de respiro e de esperança nesses tempos sombrios." - depoimento aluno da turma em parceria com o Instituto Tomie Ohtake."

"Para mim foi realmente um presente: adquiri conhecimento, ampliei o repertório cultural, refleti sobre a minha comunicação interpessoal. Ouvir os contos foi um ótimo entretenimento, ver como todos davam vida às histórias era mágico. As educadoras do curso são excelentes condutoras e motivadoras da arte/conhecimento de contar histórias. Foi o evento on line mais bacana que já tive." - depoimento aluno da turma em parceria com o CEJAM CAPS do M'Boi Mirim.

"Achei o curso muito válido, e o considero como uma forma de humanização dentro do contexto hospitalar, principalmente para pacientes que estão num momento de fragilidade da vida, e quando recebem um voluntário com a Narração de História pode abrir um horizonte de esperança, por ser algo terapêutico." - depoimento aluno da turma em parceria com o CEJAM CAPS do M'Boi Mirim.

"Foi muito interessante poder desenvolver este lado que considero mais lúdico e sensível, além de ganhar conhecimento de histórias (e formas de contá-las) que seguirão comigo tanto para crianças quanto para todas as idades. São mensagens muito fortes, e me sinto em um início, completamente básico, justamente porque pude perceber através das Narradoras o quão grande, intenso e diverso é esse universo da Narração" - depoimento aluno da turma em parceria com o GRAACC.

"Profissionais competentes nos orientando, proporcionando momentos de aprendizado com muita leveza e sabedoria, obrigada pela oportunidade." - depoimento aluno da turma em parceria com o GRAACC.

"O curso foi excelente e muito proveitoso. Além do aprendizado sobre o trabalho e o preparo das histórias, o repertório, as técnicas, foi uma oportunidade de conviver com pessoas incríveis. As orientadoras também estão de parabéns pelo profissionalismo, pelo conhecimento e pelos momentos que proporcionaram ao grupo como um todo." - depoimento aluno da turma em parceria com a Biblioteca São Paulo.

"O curso é maravilhoso me fez enxergar algo que jamais teria visto sem a ajuda de todo o contexto. Trouxe para a minha vida reflexão de que como é bom ouvir histórias de um jeito prático, mas que faz toda a diferença." - depoimento aluno da turma em parceria com o Instituto de Responsabilidade Social Sírio Libanês.

Depoimentos em vídeo:

https://youtu.be/RRa_pjeJHcg

<https://youtu.be/8Zu4XaKoTyc>

Linha do tempo - principais marcos e ciclos

1997 - Início da Arte Despertar

2010 - Realização de Ações Formativas com Oficinas de Contação de Histórias para profissionais da saúde da área de psicologia e hotelaria e estudantes do MadAlegria, no ICESP;

2011 – 2012 - Formatação de um curso para profissionais de saúde.

2013 - "Curso de Narração de Histórias" na AACD, Hospital Infantil Sabará, Hospital São Luiz Gonzaga, InCor e Santa Casa de São Paulo;

2015 - Mudança do PROAC – atendimento aos espaços culturais.

2016 - AD passa a oferecer ação aberta ao público.

2017 - Novos ajustes no formato do curso, de acordo com as possibilidades das instituições.

2020 - Pandemia Covid – formato do curso online

Referências:

O guerreiro invisível e outros contos do tempo, de Julia Grillo e Nícia Grillo, Editora Jaguatirica, 2014.

Anexos:

RELATÓRIO DE PLANEJAMENTO CURSOS DE NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS - 16h

Curso/Local parceiro:

Cronograma/Datas:

Arte-educadoras:

Data do Planejamento:

Duração:

() 1ª Reunião – Planejamento Inicial

() 2ª Reunião – Planejamento Intermediário

1º. ENCONTRO

Objetivos:

- Apresentar-se e conhecer os participantes do curso;
- Compreender principais ações da Arte Despertar;
- Conhecer o curso, suas premissas e formato;
- Iniciar o trabalho com as narrativas.

2º. ENCONTRO

Objetivos:

- Olhar para a história pessoal como algo significativo digno de ser contado;
- Estudar a estrutura do conto da tradição oral.

3º. ENCONTRO

Objetivos:

- Aprofundar o contato com um conto tradicional por meio da exploração das personagens e imagens;
- Reconhecer as personagens e suas qualidades essenciais como estratégias de estudo;
- Dialogar com a história percebendo e sublinhando as possibilidades e qualidades das personagens em relação às possibilidades e qualidades dos próprios participantes.



CONECTAR PARA ENGAJAR

NECESSIDADES/PROVIDÊNCIAS:

OBSERVAÇÕES:

RELATÓRIO DE PLANEJAMENTO INTERMEDIÁRIO CURSOS DE NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS - 16h

Curso/Local parceiro:

Cronograma/Datas:

Arte-educadoras:

Data do Planejamento:

Duração:

() 1ª Reunião – Planejamento Inicial

() 2ª Reunião – Planejamento Intermediário

4º. ENCONTRO

Objetivos:

- Conhecer as possibilidades para a construção do acervo pessoal;
- Compreender a seleção de acervo de acordo com o percurso e interesse individuais;
- Reconhecer recursos internos e externos que cada um dispõe para encontrar o outro.

5º. ENCONTRO

Objetivo:

- Narrar histórias em ambiente virtual e online;
- Avaliar o desenvolvimento do curso;
- Criar um espaço de apreciação estética, de escuta e socialização.



CONECTAR PARA ENGAJAR

NECESSIDADES/PROVIDÊNCIAS:

OBSERVAÇÕES:

RELATÓRIO DE PLANEJAMENTO CURSOS DE NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS - 24h

Curso/Local parceiro:

Cronograma/Datas:

Arte-educadoras:

Data do Planejamento:

Duração:

() 1ª Reunião – Planejamento Inicial

() 2ª Reunião – Planejamento Intermediário

1º. ENCONTRO

Objetivos:

- Apresentar-se e conhecer os participantes do curso;
- Compreender principais ações da Arte Despertar;
- Conhecer o curso, suas premissas e formato;
- Iniciar o trabalho com as narrativas.

2º. ENCONTRO

Objetivos:

- Olhar para a história pessoal como algo significativo digno de ser contado;
- Perceber que suas histórias pessoais também são histórias que podem ser narradas;
- Narrar e entrar em contato com o mundo simbólico com relação à sua experiência cotidiana.

3º. ENCONTRO

Objetivos:

- Perceber a existência do narrador oral em diferentes lugares e contextos;
- Identificar atributos dos narradores orais e os reconhecer dentro de sua própria história de vida;
- Valorizar os narradores por meio da transmissão oral.

4º. ENCONTRO

Objetivo:

- Estudar a estrutura do conto da tradição oral.

NECESSIDADES/PROVIDÊNCIAS:

OBSERVAÇÕES:

**RELATÓRIO DE PLANEJAMENTO
CURSOS DE NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS -
24h**

Curso/Local parceiro:

Cronograma/Datas:

Arte-educadoras:

Data do Planejamento:

Duração:

() 1ª Reunião – Planejamento Inicial

() 2ª Reunião – Planejamento Intermediário

5º. ENCONTRO

Objetivos:

- Aprofundar o contato com um conto tradicional por meio da exploração das personagens e imagens;
- Reconhecer as personagens e suas qualidades essenciais como estratégias de estudo;
- Dialogar com a história percebendo e sublinhando as possibilidades e qualidades das personagens em relação às possibilidades e qualidades dos próprios participantes.

6º. ENCONTRO

Objetivo:

- Aprofundar o contato com o conto tradicional por meio da paisagem interna.

7º. ENCONTRO

Objetivos:

- Conhecer as possibilidades para a construção do acervo pessoal;
- Compreender a seleção de acervo de acordo com o percurso e interesse individuais.

8º. ENCONTRO

Objetivos:

- Reconhecer recursos internos e externos que cada um dispõe para encontrar o outro;
- Retomar conteúdos experimentados durante o curso para a preparação da própria história.

9º. ENCONTRO

Objetivo:

- Narrar histórias em ambiente virtual e online;
- Avaliar o desenvolvimento do curso;
- Criar um espaço de apreciação estética, de escuta e socialização.

NECESSIDADES/PROVIDÊNCIAS:

OBSERVAÇÕES:

Formulário de inscrição - Curso de Narração de Histórias

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Nome completo *

2. E-mail *

3. Instituição parceira na qual se inscreveu para o curso (ex.: Inst. Biblioteca Pedagógica de Limeira, Biblioteca Villa Lobos, IBEAC, etc.) *

4. Telefone (DDD + número de telefone): *

5. *

Bairro

6. Cidade *

7. *

Estado

8. Idade *

Marcar apenas uma oval.

- 15 a 18 anos
- 19 a 24 anos
- 25 a 30 anos
- 31 a 40 anos
- 41 a 50 anos
- 51 a 60 anos
- 61 ou mais

9. Identidade de gênero *

Marcar apenas uma oval.

- Neutro
- Mulher cis
- Mulher trans
- Travesti
- Homem cis
- Homem trans
- Intersexual
- Nada a declarar
- Outro: _____

10. Raça/cor

Marcar apenas uma oval.

- Nada a declarar
- Asiática
- Branca
- Indígena
- Preta
- Parda
- Outra

11. Escolaridade *

Marcar apenas uma oval.

- Não cursou a escola
- Ens. Fundamental incompleto
- Ens. Fundamental completo
- Ens. Médio incompleto
- Ens. Médio cursando
- Ens. Médio completo
- Técnico cursando
- Técnico completo
- Superior cursando
- Superior completo
- Especialização cursando
- Especialização completo
- Mestrado cursando
- Mestrado completo
- Doutorado cursando
- Doutorado completo

12. Qual é a sua formação principal? *

13. Qual a função profissional que você exerce? *

14. Como ficou sabendo do curso? *

15. *AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM: ao me inscrever para este curso, eu autorizo a Arte Despertar a usar a minha imagem, seja por meio de foto, print ou vídeo, registrados durante o curso, exclusivamente para materiais, relatórios de prestação de contas, vídeos, fotos e matérias sobre o projeto nos diferentes canais de comunicação da instituição. *

Marcar apenas uma oval.

Sim

16. Estou ciente e concordo com as INFORMAÇÕES E NECESSIDADES TÉCNICAS especificadas acima e me comprometo a atendê-las. *

Marcar apenas uma oval.

Ciente

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Caracterização do Participante

Para te conhecer melhor! Esta é uma pesquisa diagnóstica que objetiva proporcionar melhorias contínuas em nossos processos e assim, atendê-lo da melhor forma.

Nome: Local:

E-mail: Telefone: Data:...../...../.....

1. Idade

() 15 a 18 anos () 19 a 24 anos () 25 a 30 anos () 31 a 40 anos () 41 a 50 anos () 51 a 60 anos () 61 ou mais

2. Identidade de gênero

() Neutro () Mulher cis () Mulher trans () Travesti () Homem cis () Homem trans () Intersexual () Nada a declarar

3. Raça/cor

() Nada a declarar () Asiática () Branca () Indígena () Negra () Parda () Outra

4. Escolaridade

() não cursou a Escola	() Técnico cursando	() Especialização cursando
() Ens. Fundamental incompleto	() Técnico completo	() Especialização completo
() Ens. Fundamental completo	() Superior cursando	() Mestrado cursando
() Ens. Médio incompleto	() Superior completo	() Mestrado completo
() Ens. Médio cursando	Qual curso?	() Doutorado cursando
() Ens. Médio completo	() Doutorado completo

5. Qual sua formação principal e função profissional que você exerce?

6. Quais e quantas vezes você frequentou atividades culturais presenciais ou virtuais no último bimestre. Marque com x.

Atividades Culturais	Frequência Bimestral			
	Nenhuma vez	1 vez	2 vezes	3 vezes ou mais
Livros				
Cinema				
Shows				
Festas Populares				
Feiras de artesanato				
Biblioteca				
Centro Cultural				
Dança				
Museu				
Teatro				
Sarau				
Concerto				
Fotografia				
Outros/Qual (s):				

7. Qual seu conhecimento sobre Narração de Histórias?

() Não conheço () Básico () Intermediário () Avançado

8. Por favor, marque e/ou insira os porquês você quer realizar o curso de Narração de Histórias:

- () Qualificação profissional
- () Ampliação repertório cultural ()
- () Ler para crianças ()
- () Adquirir conhecimento
- () Trabalho voluntário

9. Você usará narração de histórias no seu trabalho?

() Sim () Não



arte despertar

OBRIGADA!

Avaliação Final

A Avaliação Final tem o objetivo de proporcionar melhorias contínuas em nossos processos e assim, melhorar nosso curso de Contação de História. Por favor, dê sua opinião e responda todas as questões!

Nome completo:..... Local:

E-mail:.....Telefone:Data:...../...../.....

1. Após a realização do curso, qual seu conhecimento sobre Narração de Histórias

() Não conheço () Básico () Intermediário () Avançado

2. Dentre as afirmativas abaixo, por favor assinale a opção que mais se aproxima da sua opinião/percepção sobre o curso usando a escala à direita:

	Concordo totalmente	Concordo em parte	Discordo em parte	Discordo totalmente
(1) As histórias e a narração de histórias são material relevante e atual para instigar reflexões e desenvolver conhecimentos acerca das relações pessoais e interpessoais	()	()	()	()
(2) Compreendi a relevância da literatura oral em diferentes culturas, épocas e sociedades, por meio da narração de histórias.	()	()	()	()
(3) O curso me oportunizou momentos e forneceu subsídios para que eu pudesse desenvolver habilidades de comunicação e relacionamento.	()	()	()	()

Caso você concorde totalmente ou em parte, escreva, em linhas gerais, que tipos de habilidade você pôde desenvolver.

	Concordo totalmente	Concordo em parte	Discordo em parte	Discordo totalmente
(4) Identifico a ampliação de meu repertório cultural no contato, propiciado pelo curso, com a arte de narrar histórias	()	()	()	()

Caso você concorde totalmente ou em parte, escreva, em linhas gerais, conhecimentos que você pôde agregar a seu repertório cultural.

3. Avalie o grau de aprofundamento dos conteúdos abordados no Curso.

	Excelente	Bom	Razoável	Insuficiente
(5) A narração de histórias como uma ferramenta de aproximação, comunicação e expressão.	()	()	()	()
(6) As histórias da tradição oral e seus conteúdos simbólicos como ferramenta contemporânea de integração do ser humano.	()	()	()	()
(7) Conteúdos literários e exercícios que possibilitaram o seu desenvolvimento como contador de histórias.	()	()	()	()

4. Você usará Narração de Histórias no seu trabalho? () Sim () Não

Como? _____

5. Avalie o grau de satisfação quanto à atuação das arte-educadoras

	Muito Satisfeito	Satisfeito	Insatisfeito	Muito insatisfeito
(8) Domínio dos conteúdos ministrados e estratégias utilizadas	()	()	()	()
(9) Postura profissional e comunicação	()	()	()	()

6. Avalie o grau de grau de satisfação quanto à qualidade dos materiais impressos utilizados

() Muito satisfeito () Satisfeito () Insatisfeito () Muito insatisfeito

7. Quais e quantas vezes você frequentou atividades culturais presenciais ou virtuais no último bimestre. Marque com x.

Atividades Culturais	Frequência Bimestral			
	Nenhuma vez	1 vez	2 vezes	3 vezes ou mais
Livros				
Cinema				
Shows				
Festas Populares				
Feiras de artesanato				
Biblioteca				
Centro Cultural				
Dança				
Museu				
Teatro				
Sarau				
Concerto				
Fotografia				
Outros/Qual (s):				

8. Por favor, marque e/ou insira os aspectos de desenvolvimento que o curso de Narração de Histórias te proporcionou:

- () Trabalho voluntário
- () Qualificação profissional () _____
- () Ampliação repertório cultural
- () Ler para crianças () _____
- () Adquirir conhecimento

9. Por favor, registre neste espaço seus comentários, impressões, sugestões e/ou críticas:

OBRIGADA!

“

CADERNO DE HISTÓRIAS

”

CURSO PROMOVIDO PELA ASSOCIAÇÃO ARTE DESPERTAR



CONECTAR PARA ENGAJAR

O Elefante no escuro

Era uma vez um elefante de circo que se exibia por cidades e povoados de vários países. Um dia, chegou a uma pequena comunidade onde nunca haviam visto um animal semelhante. Alojaram o elefante em um estábulo fechado, enquanto anunciavam sua chegada ao povo do lugar.

Quatro curiosos, ao saberem da existência daquela maravilha, decidiram vê-lo antes dos demais e invadiram o estábulo. Mas como não havia luz, sua investigação teve que se realizar aos toques. Assim, no meio da escuridão, um deles tocou na tromba, o segundo a orelha, o terceiro a pata e o quarto o rabo. Logo, muito entusiasmados, foram contar às pessoas do povoado o que haviam averiguado.

O que havia tocado na tromba disse:

- É... Como uma espécie de mangueira. O que se detivera na orelha afirmou:
- Um elefante é como um leque. O que apalpou a pata retrucou:
- Um leque? Eu o examinei, e é uma coluna viva. Por último, o que havia tateado o rabo

concluiu:

- Vocês todos estão enganados, um elefante é uma corda.

Nenhum deles pôde ter idéia do que era um elefante. Por outro lado, só podiam falar da parte que haviam tocado, fazendo referência a objetos que conheciam.

O resultado foi uma confusão total. Cada um queria ter a razão, e ao final ninguém pôde saber o que era que tinham averiguado.

Nicia Grillo e Julia Grillo

O Guerreiro Invisível e outros contos do Tempo, 1ª. Edição

Rio de Janeiro: Editora Jaguatirica, 2014.

Tesouro no Sonho (conto africano)

Era uma vez um homem muito pobre que morava em uma cabana no meio do mato. Perto de sua casa, tinha uma árvore bem alta de tronco largo e folhas grandes.

Quando chegava a primavera, bem no topo nasciam flores amarelas.

O homem, quando voltava do trabalho gostava de tirar uma soneca embaixo dessa árvore e toda vez que ele dormia, por ali, tinha o mesmo sonho:

Sonhava que ia andando em uma estrada comprida que subia uma montanha e no final da estrada ele chegava a uma cidade cheia de casas coloridas, flores nas janelas, ruas de paralelepípedos, calçadas de pedra e no centro da cidade passava um rio bem largo cheio de peixes.

Para atravessar esse rio havia uma ponte, e o homem ia caminhando e de repente, bem no meio da ponte havia um baú. O homem olhava para um lado, para o outro e com cuidado, abria o baú, que estava cheio até a tampa de pepitas de ouro.

Logo depois em seguida ele acordava. Um dia, o homem se olhou no espelho e viu que já estava ficando velho.

E encheu-se de coragem, juntou alguns trapos e a comida que tinha em casa e foi atrás dessa cidade que aparecia em seu sonho.

Caminhou por caminhos e descaminhos até chegar nessa estrada comprida, que pra sua surpresa, ia dar em uma cidade cheia de casas coloridas com flores nas janelas.

O homem com as pernas cansadas juntou todo resto de força que tinha para cruzar as ruas de paralelepípedo e chegou até a ponte. Com o coração batendo forte seguiu até o meio da ponte e viu um mendigo com a mão estendida pedindo esmolas.

O homem, triste e desesperado foi até a beirada da ponte para se jogar no rio. O mendigo desesperado disse: Calma meu amigo! O que aconteceu?

O homem contou do sonho, da sua miséria e da sua busca. O mendigo falou: Eu não acredito que você acredita nessa bobagem de sonho!

Eu mesmo, todo final de tarde quando tiro um cochilo sonho com uma cabana no meio do mato e bem do lado dessa cabana tem uma árvore bem alta de tronco largo, folhas grandes, com flores amarelas bem no topo. Nesse meu sonho, eu acho um tesouro bem embaixo dessa árvore e fico rico!!! Imagine só!

O homem ficou quieto. Olhou o caminho de volta e seguiu o rumo de casa. Chegando lá, foi logo pegando sua pá e cavou um buraco certo que chegava até o tesouro. Quando o homem abriu o baú lá estavam às pepitas de ouro.

Aquele foi o dia mais feliz da vida do homem.

A palestra de Nasrudin

Certa vez, na época em que Nasrudin era conhecido como um grande sábio na região onde vivia, ele passou em viagem por um pequeno vilarejo.

As pessoas do lugar ficaram tão satisfeitas que um homem tão sábio estivesse passando alguns dias em sua cidade, que lhe pediram para dizer-lhes algumas palavras de sabedoria. Nasrudin consentiu em dar uma palestra, e no dia seguinte todos os habitantes do lugar estavam reunidos na praça central para ouvi-lo falar.

Subindo ao púlpito, Nasrudin perguntou ao povo:

- Vocês sabem sobre o que eu vou lhes falar hoje? E as pessoas responderam em coro:
- Não!

Nasrudin então disse:

- Bom, se vocês não sabem nada a respeito do assunto, não posso falar. E foi embora.

As pessoas da cidade ficaram contrariadas e pediram que ele lhes desse uma segunda chance.

Nasrudin subiu mais uma vez ao púlpito e repetiu a pergunta:

- Vocês sabem sobre o que eu vou lhes falar hoje? E todos, em uníssono, responderam:
- Sim, sabemos!

Ao que Nasrudin respondeu:

– Bom, então se vocês já sabem não há nada que eu precise dizer. E assim dizendo, foi embora.

Mas as pessoas insistiram para que ele lhes desse ainda uma terceira chance.

Quando Nasrudin lhes perguntou pela terceira vez, “Vocês sabem sobre o que eu lhes falar hoje?”, alguns responderam:

– Sim, sabemos! E os outros:

– Não, não sabemos!

E Nasrudin lhes respondeu:

– Então muito bem, aqueles que sabem contam para os que não sabem.

O homem sem sorte

Vivia perto de uma aldeia um homem, um homem que era completamente sem sorte. Nada do que ele fazia dava certo. Muitas vezes ele plantava sementes e o vento vinha e as levava, outras vezes, era a chuva, que vinha tão violenta e carregava as sementes. Outras vezes ainda, as sementes permaneciam sob a terra, mas o sol, era tão quente, que as cozinhava.

E ele se queixava com as pessoas e as pessoas escutavam suas queixas, da primeira vez com simpatia, depois com um certo desconforto e enfim quando o viam mudavam de caminho, ou entravam para dentro de suas casas fechando portas e janelas, evitando-o.

Então além de sem sorte, o homem se tornou chato e muito só. Ele começou a querer achar um culpado para o que acontecia com ele. Analisando a situação de sua família percebeu que seu pai era um homem de sorte, sua mãe, esta tinha sorte por ter se casado com seu pai, e seus irmãos eram muito bem sucedidos, pois então, se não era um caso genético, só poderia ser coisa do Criador. E depois de muito pensar resolveu tomar uma atitude e ir até o fim do mundo falar com o Criador, que como Criador de tudo, deveria ter uma resposta.

Arrumou sua malinha, algum alimento e partiu rumo ao fim do mundo. Andou um dia, um mês, um ano e um dia, e pouco antes de entrar numa grande floresta ouviu uma voz:

- Moço, me ajude. Ele então olhou para os lados procurando alguém. Até que se deparou com um lobo, magro, quase sem pelos, era pele e osso o infeliz. Dava para contar suas costelas.

Ele falou:

- Há três meses estou nesta situação. Não sei o que está acontecendo comigo. Não tenho forças para me levantar daqui.

O homem refeito do susto respondeu:

- Você está se queixando a toa... Eu tive azar a vida inteira. O que são três meses? Mas faça como eu. Procure uma resposta. Eu estou indo procurar o Criador para resolver o meu problema.

- Se eu não tenho forças nem para ir ao rio beber água... Faça este favor para mim.

Você está indo vê-lo, pergunte o que está acontecendo comigo.

O homem fez um sinal de insatisfação e disse que estava muito preocupado com seu problema,

mas se lembrasse, perguntaria. Virando as costas, continuou seu caminho. Andou um dia, um mês, um ano e um dia e de repente, ao tropeçar numa raiz, ouviu: - Moço, cuidado. E quando olhou, viu uma folhinha que vinha caindo, caindo; Olhando para cima, viu a árvore com apenas duas folhinhas.

Levantou-se e observando suas raízes desenterradas, seus galhos retorcidos, sua casca soltando-se do tronco, falou:

- Você não se envergonha? Olhe as outras árvores a sua volta e diga se você pode ser chamada de árvore? Conserte sua postura.

A árvore, com uma voz de muita dor, disse:

- Não sei o que está acontecendo comigo. Estou me sentindo tão doente. Há seis meses que minhas folhas estão caindo, e agora, como vê, só restam duas... E, no fim de uma conversa, pediu ao homem que procurasse uma solução com o Criador.

Contrariado, o homem virou as costas com mais uma incumbência. Andou um dia, um mês, um ano e um dia e chegou a um vale muito florido, com flores de todas as cores e perfumes. Mas o homem não reparou nisto. Chegou até uma casa e na frente da casa estava uma moça muito bonita que o convidou a entrar.

Eles conversaram longamente e quando o homem deu por si já era madrugada. Ele se levantou dizendo que não podia perder tempo e quando já estava saindo ela lhe pediu um favor:

- Você que vai procurar o Criador, podia perguntar uma coisa para mim?

É que de vez em quando sinto um vazio no peito, que não tem motivo, nem explicação. Gostaria de saber o que é e o que posso fazer por isto.

O homem prometeu que perguntaria e virou as costas e andou um dia, um mês, um ano e um dia e chegou por fim ao fim do mundo. Sentou-se e ficou esperando até que ouviu uma voz. E uma voz no fim do mundo, só podia ser a voz do criador...

- Tenho muitos nomes. Chamam-me também de Criador...

E o homem contou então toda a sua triste vida. Conversou longamente com a voz até que se levantou e virando as costas foi saindo, quando a voz lhe perguntou:

- Você não está se esquecendo de nada? Não ficou de saber respostas para uma árvore, para um lobo e para uma jovem?

- Tem razão... E voltou-se para ouvir o que tinha que ser dito.

Depois de um tempinho virou-se e correu... mais rápido que o vento até que chegou na casa da jovem. Como ela estava em frente à casa, vendo-o passar chamou:

- Ei!!! Você conseguiu encontrar o Criador? Teve as respostas que queria?

- Sim!!! Claro! O Criador disse que minha sorte está há muito no mundo. Basta ficar alerta para perceber a hora de apanhá-la!

- E quanto a mim, você teve a chance de fazer a minha pergunta?

- Ah! O Criador disse que o que você sente é solidão. Assim que encontrar um companheiro vai ser completamente feliz, e mais feliz ainda vai ser o seu companheiro.

A jovem então abriu um sorriso e perguntou ao homem se ele queria ser este companheiro.

- Claro que não... Já trouxe a sua resposta... Não posso ficar aqui perdendo tempo com você. Não foi para ficar aqui que fiz toda esta jornada. Adeus!!! Virando as costas, correu mais rápido do que a água, até a floresta onde estava a árvore. Ele nem se lembrava dela. Mas quando novamente tropeçou em sua raiz, viu caindo uma última folhinha.

Ela perguntou se ele tinha uma resposta, ao que o homem respondeu:

- Tenho muita pressa e vou ser breve, pois estou indo em busca de minha sorte, e ela está no mundo.

O Criador disse que você tem embaixo de suas raízes uma caixa de ferro cheia de moedas de ouro. O ferro desta caixa está corroendo suas raízes. Se você cavar e tirar este tesouro daí vai terminar todo o seu sofrimento e você vai poder virar uma árvore saudável novamente.

- Por favor!!! Faça isto por mim!!! Você pode ficar com o tesouro. Ele não serve para mim. Eu só quero de novo minha força e energia. O homem deu um pulo e falou indignado:

- Você está me achando com cara de quê? Já trouxe a resposta para você. Agora resolva o seu problema. O Criador falou que minha sorte está no mundo e eu não posso perder tempo aqui conversando com você, muito menos sujando minhas mãos na terra.

Virando as costas correu, mais rápido do que a luz atravessou a floresta, e chegou onde estava o lobo, mais magro ainda e mais fraco.

O homem se dirigiu a ele apressadamente e disse:

- O Criador mandou lhe falar que você não está doente. O que você tem é fome. Está a morrer de inanição, e como não tem forças mais para sair e caçar, vai morrer aí mesmo. A não ser, que passe por aqui uma criatura bastante estúpida, e você consiga comê-la.

Nesse momento, os olhos do lobo se encheram de um brilho estranho, e reunindo o restante de suas forças, o lobo deu um pulo e comeu o homem "sem sorte".

Uma Fábula sobre a Fábula

Allahur Akbar! Allahur Akbar! (Deus é grande! Deus é grande!)

Quando Deus criou a mulher criou também a fantasia. Um dia a Verdade resolveu visitar um grande palácio. E havia de ser o próprio palácio em que morava o sultão Harun Al-Raschid. Envolta em lindas formas num véu claro e transparente, foi ela bater à porta do rico palácio em que vivia o glorioso senhor das terras mulçumanas. Ao ver aquela formosa mulher, quase nua, o chefe dos guardas perguntou-lhe:

- Quem és?

- Sou a Verdade! - respondeu ela, com voz firme. - Quero falar ao vosso amo e senhor, o sultão Harun Al-Raschid, o Cheique do Islã!

O chefe dos guardas, zeloso da segurança do palácio, apressou-se em levar a nova ao grão-vizir: - Senhor, - disse, inclinando-se humilde, - uma mulher desconhecida, quase nua, quer falar ao nosso soberano, o sultão Harun Al-Raschid, Príncipe dos Crentes.

- Como se chama?
- Chama-se a Verdade!

- A Verdade! - exclamou o grão-vizir, subitamente assaltado de grande espanto. - A Verdade quer penetrar neste palácio! Não! Nunca! Que seria de mim, que seria de todos nós, se a Verdade aqui entrasse? A perdição, a desgraça nossa! Dize-lhe que uma mulher nua, despuorada, não entra aqui! Voltou o chefe dos guardas com o recado do grão-vizir e disse à Verdade:

- Não podes entrar, minha filha. A tua nudez iria ofender o nosso Califa. Com esses ares impudicos não poderás ir à presença do Príncipe dos Crentes, o nosso glorioso sultão Harun Al-Raschid. Volta, pois, pelos caminhos de Allah!

Vendo que não conseguiria realizar o seu intento, ficou muito triste a Verdade, e afastou-se lentamente do grande palácio do magnânimo sultão Harun Al-Raschid, cujas portas se lhe fecharam à diáfana formosura!

Mas... Allahur Akbar! Allahur Akbar!

Quando Deus criou a mulher, criou também a Obstinação. E a Verdade continuou a alimentar o propósito de visitar um grande palácio. E havia de ser o próprio palácio em que morava o sultão Harun Al-Raschid... Cobriu as peregrinas formas de um couro grosseiro como os que usam os pastores e foi novamente bater à porta do suntuoso palácio em que vivia o glorioso senhor das terras mulçumanas. Ao ver aquela formosa mulher grosseiramente vestida com peles, o chefe dos guardas perguntou-lhe: - Quem és?

- Sou a Acusação! - respondeu ela, em tom severo. - Quero falar ao vosso amo e senhor, o sultão Harun Al-Raschid, Comendador dos Crentes!

O chefe dos guardas, zeloso da segurança do palácio, correu a entender-se como o grão-vizir. - Senhor - disse, inclinando-se humilde, - uma mulher desconhecida, o corpo envolto em grosseiras peles, deseja falar ao nosso soberano, o sultão Harun Al-Raschid. - Como se chama?

- A Acusação!

- A Acusação? - repetiu o grão-vizir, aterrorizado. - A Acusação quer entrar nesse palácio? Não! Nunca! Que seria de mim, que seria de todos nós, se a Acusação aqui entrasse! A perdição, a desgraça nossa! Dize-lhe que não, que não pode entrar! Dize-lhe que uma mulher, sob as vestes grosseiras de um zagal, não pode falar ao Califa, nosso amo e senhor!

Voltou o chefe dos guardas com a proibição do grão-vizir e disse à Verdade.

- Não podes entrar, minha filha. Com essas vestes grosseiras, próprias de um beduíno rude e pobre, não poderás falar ao nosso amo e senhor, o sultão Harun Al-Raschid. Volta, pois, em paz, pelos caminhos de Allah!

Vendo que não conseguiria realizar o seu intento, ficou ainda mais triste a Verdade e afastou-se vagorosamente do grande palácio do poderoso Harun Al-Raschid, cuja cúpula cintilava aos últimos clarões do sol poente.

Mas... Allahur Akbar! Allahur Akbar!

Quando Deus criou a mulher, criou também o Capricho.

E a verdade entrou- se do vivo desejo de visitar um grande palácio. E havia de ser o próprio palácio em que morava o sultão Harun Al - Raschid.

Vestiu-se com riquíssimos trajos, cobriu-se com jóias e adornos, envolveu o rosto em um manto diáfano de seda e foi bater à porta do palácio em que vivia o glorioso senhor dos árabes.

Ao ver aquela encantadora mulher, linda como a quarta lua do mês de Ramadã, o chefe dos guardas perguntou-lhe:

- Quem és?
- Sou a fábula - respondeu ela , em tom meigo e mavioso.- Quero falar ao vosso senhor e amo, o generoso sultão Harun Al - Raschid, Emir dos Árabes!

O chefe dos guardas, zeloso da segurança do palácio, correu, radiante, a falar com grão-vizir:

- Senhor - disse, inclinando-se humilde - uma linda e encantadora mulher, vestida como uma princesa, solicita audiência do nosso amo e senhor, o Sultão Harun al Raschid, Emir dos crentes.

- Como se chama?
- Chama-se Fábula!

- A Fábula! exclamou o grão-vizir, cheio de alegria - A Fábula quer entrar neste Palácio! Allah seja louvado! Que entre! Benvinda seja a encantadora Fábula: Cem formosas escravas irão recebê-la com flores e perfumes! Quero que a Fábula tenha neste Palácio, o acolhimento digno de uma verdadeira rainha!

E abertas de par em par as portas do grande Palácio de Bagdá , a formosa peregrina entrou .

E foi assim, sob o aspecto de Fábula, que a Verdade conseguiu aparecer ao poderoso Califa de Bagdá, o sultão Harun Al- Raschid, Vigário de Allah e senhor do grande Império Muçulmano!

Malba Tahan
Minha vida querida , Rio de Janeiro: Conquista. 1957.

A aventura de Chu

Era uma vez dois amigos que viajavam pelo mundo. Heng e Chu passaram por lugares desconhecidos, rios, vales, montanhas...

Certo dia, quando atravessavam uma floresta, perceberam que logo ia desabar uma tempestade. E procurando abrigo avistaram ao longe um velho templo em ruínas. Correram para lá e foram recebidos por um velho monge muito sorridente, que lhes disse:

- Amigos, quero que vocês me acompanhem até a sala dos fundos do templo. Lá está representada uma obra de arte como não existe igual. Venham ver que linda cena está pintada na parede do fundo do templo.

Ele se virou e foi devagar, arrastando os chinelos. Os dois amigos o seguiram. Quando chegaram à última sala, ficaram maravilhados. De fato, era uma magnífica obra de arte. Começaram a andar desde o começo da pintura,observando as árvores de todos os tamanhos e tons de verde, com

pássaros, flores e alguns frutos. Perceberam que havia montanhas ao fundo e um sol dourado iluminando o céu. Bem mais na frente, havia jovens em grupos, em pares, conversando, colhendo flores...

Chu ia na frente e, quando chegou bem no meio da parede, parou. Ali estava uma jovem tão linda que o deixou boquiaberto. Era alta, elegante, os olhos negros pareciam duas jabuticabas, a boca era como um morango maduro; tinha nos braços uma cesta, colhia flores e seus cabelos eram longos e negros, penteados em duas grossas tranças até a cintura. Chu apaixonou-se por ela imediatamente e ficou ali parado, contemplando cada detalhe daquela jovem tão bela.

Chu não sabe quanto tempo ficou ali, até que de repente sentiu como se estivesse flutuando, seus pés não tocavam o chão. Olhou à sua volta e viu um sol dourado iluminando o céu, ouviu vozes e percebeu que eram das jovens que ele tinha visto pintadas na parede. Foi então que se deu conta de que estava dentro do quadro.

Quando se refazia do susto, viu a jovem de quem tinha gostado, um pouco mais adiante. Ela olhou para ele, sorriu, jogou as tranças para trás e saiu correndo. Ele a seguiu até que ela chegou a um jardim cheio de pequenas flores, que ficavam em volta de uma casa toda branca. Ela atravessou o jardim e parou diante da porta. Quando Chu se aproximou, eles entraram e ficaram parados em pé, um diante do outro, bem no meio daquela casa silenciosa.

Eles se abraçaram, e Chu sentiu que amava aquela jovem como se fosse desde sempre. Então, os dois deitaram-se uma esteira e na manhã seguinte eram marido e mulher.

A jovem se levantou e foi pentear seus longos cabelos, mas agora não fez as duas tranças, e sim um coque na nuca, como era o costume das mulheres casadas. Enquanto conversavam, ouviram barulhos estranhos lá fora, passos pesados, som de correntes. A jovem ficou pálida, fez um sinal para Chu não dizer nenhuma palavra. Foram até uma fresta da porta e espiaram para fora.

Viram um ser descomunal, inteiramente vestido com uma armadura de ferro. Com olhos ameaçadores, ele carregava nas mãos grilhões e uma corrente. E disse para as jovens do quadro que estavam à sua volta, apavoradas:

- Afastem-se. Sei que há um humano entre nós, não adianta esconder. Agora vou vasculhar dentro da casa, tenho certeza de que ele está lá.

A jovem ficou mais pálida ainda e disse:

- Chu, depressa, esconda-se atrás desta cômoda, não dá tempo de mais nada. Chu mal teve tempo de correr para trás do móvel quando viu a porta se abrir.

Enquanto isso, Heng olhava o quadro, e deu por falta do amigo. Perguntou ao velho monge onde ele estava e o monge respondeu:

- Não se preocupe, ele não foi muito longe.

E batendo com os dedos na parede, chamou com uma voz tranqüila:

- Volte, senhor Chu. Já é tempo de encontrar seu amigo outra vez!

Nesse momento, Chu foi saindo de dentro da parede.

- Onde você esteve? _ perguntou Heng.

- Eu não sei. - disse ele - Estava atrás da cômoda, ouvi um barulho terrível, saí para ver o que era e sem saber como, cheguei de novo nesta sala.

Os dois amigos voltaram a olhar o quadro desde o começo para se despedirem dele. Chuva ia na frente; quando chegou no meio da parede, aquela jovem estava lá. Alta, elegante, os olhos como duas jabuticabas, a boca lembrava um morango maduro e ela colhia flores. Mas seus cabelos não estavam mais penteados em tranças, agora eles formavam um coque na nuca, como era o costume das mulheres casadas, naquele lugar.

Os dois amigos desceram as escadarias do templo em silêncio. A chuva já tinha parado e eles se foram sem dizer palavra. A viagem continuava...

A Arte da Palavra e da Escuta

Regina Machado

Editora ReviraVolta, 2015, pp. 61-64

O Jardim Mágico (Cazaquistão)

Em outros tempos, no Cazaquistão, havia dois vizinhos. Asan era lavrador. Hassan era pastor. Os dois eram amigos.

Houve um ano em que o inverno foi tão rigoroso e a terra ficou tão congelada que os carneiros de Hassan não conseguiram alcançar o capim por baixo do gelo, e todo o seu rebanho acabou morrendo. Piscando para reprimir as lágrimas, Hassan foi procurar o amigo.

- Perdi todo o meu rebanho — ele disse. _Não conseguirei sobreviver sem meus animais, por isso vou embora. Adeus, Asan.

Mas Asan não quis nem ouvir falar.

- Não vou permitir — ele protestou. _Você vai ficar com metade da minha terra e compartilhar minha fazenda comigo.

- Asan, você é bom e generoso, mas não posso aceitar — retrucou o pastor. - Seus campos já são pequenos, você não pode reduzi-los ainda mais.

- Bobagem — insistiu o lavrador. -Você é meu amigo, e quero que você fique. É verdade que teremos menos que antes, mas será o suficiente. Não aceito que recuse.

As lágrimas de Hassan transbordaram, ele estreitou o amigo nos braços e ficou junto dele.

Passaram-se dias e noites. Passaram-se meses e anos. Um dia, Hassan estava trabalhando no campo quando ouviu uma pancada! Sua enxada tinha atingido alguma coisa dura. Era um jarro velho. Com muito esforço, Hassan conseguiu soltá-lo da terra. Olhou dentro dele e ficou boquiaberto. Moedas de ouro!

- Asan, Asan — chamou o velho pastor. Você está rico! Olhe! O lavrador deu um sorriso carinhoso.

- Hassan, como você é altruísta! Mas esse ouro é seu, não meu. Afinal de contas, você o encontrou na sua terra.

-Você já me deu o bastante — disse Hassan, estendendo o jarro para o amigo. -Aqui está,

pegue seu tesouro.

- Seu tesouro — corrigiu Asan. - Fique com ele.

Asan e Hassan começaram a discutir. Pela primeira vez na vida, não conseguiram chegar a um acordo. Por fim, decidiram levar o tesouro até o sábio da aldeia e pedir ajuda para resolver o problema.

O sábio estava sentado dentro de sua iurta, com quatro discípulos. Fazendo uma profunda reverência, os visitantes explicaram o problema. O sábio escutou. Asan e Hassan esperaram. E continuaram esperando. O sábio permaneceu em silêncio por longo tempo.

Ele então se voltou, não para Asan nem para Hassan, mas para seu primeiro discípulo.

- Aqui temos uma situação interessante — disse ele. Qual seria seu conselho? O primeiro discípulo deu uma resposta imediata.

- A solução é óbvia. O ouro veio do solo. Nenhum desses dois homens quer aceitá-lo. Então só resta enterrar o ouro de novo.

O sábio franziu o cenho e se voltou para o segundo discípulo.

- E você, o que sugere?

- O ouro foi trazido ao sábio. Penso que o senhor deveria ficar com ele — respondeu o segundo discípulo.

O sábio levantou as sobrancelhas. Ora, ora — ele disse, e voltou-se para o terceiro. _E você o que diz?

- O ouro foi encontrado num campo. O campo está no reino. E o reino pertence ao Cã, o imperador. O Cã deve ficar com todo o tesouro.

A expressão do sábio se fechou.

_E você? — Ele perguntou ao último e mais jovem discípulo.

O rapaz Arman sacudiu um pouco a cabeça, como se quisesse espantar um devaneio.

- Bem, eu tenho uma ideia... — disse ele, hesitante. - Se coubesse a mim decidir o que fazer, com o ouro eu compraria sementes. E então poderíamos plantar um jardim...

— e, com os olhos brilhando, ele descreveu sua visão. Seria um belo jardim, onde as pessoas pudessem descansar e se divertir, onde aves e outros animais tivessem abrigo, onde flores desabrochassem, e que fosse propício para abelhas e borboletas.

O sábio ouviu de olhos fechados. Depois pousou a mão no braço do rapaz.

- Sua decisão é sábia — e ele se voltou para os dois homens. - Vocês concordam? Asan e Hassan entreolharam-se e assentiram.

- Sim, sim, um jardim. Que se faça um jardim... O sábio deu instruções ao discípulo.

- Vá à capital e com este ouro compre as melhores sementes que puder encontrar.

Depois, nas estepes, plante o jardim dos seus sonhos.

O discípulo partiu felicíssimo com sua sorte. Ao longo de muitos dias, Arman percorreu o caminho seco e empoeirado, até chegar à cidade real. Mas, ah! Quanta confusão! Que barulho! Quantas cores! Por todos os lados, mercadores gritavam, anunciando produtos estranhos e

fantásticos. A algazarra de dezenas de línguas fazia zumbir a cabeça do rapaz. O cheiro forte de incenso fazia coçar seu nariz e arder seus olhos. Por fim, a muito custo ele conseguiu encontrar o vendedor de sementes. Enquanto examinava os grãos preciosos, uma gritaria deplorável o fez voltar-se. Vinha atravessando a praça uma caravana que trazia aves de todos os tipos. Eram milhares, todas vivas. Vinham com as patas amarradas e as asas cobertas de uma crosta de poeira. A cada movimento da caravana, a cabeça das aves batia nos flancos dos camelos.

Arman não pôde suportar aquilo. Sem pensar duas vezes, interpelou o chefe da caravana.

- O que está fazendo com essas aves? — Perguntou.

- Essas aves são para o Cã — respondeu o condutor de camelos. — Ele vai se banquetear com sua carne e decorar o palácio com suas plumas. Trago aves apanhadas nos desertos, nas estepes e nas montanhas, aves capturadas com armadilhas nos bosques, charcos e lagos. Trago as aves mais raras do reino. Algumas são as últimas da sua espécie!

Arman não se conformava com o tom de orgulho com que o homem dizia aquilo tudo.

- Eu lhe darei ouro — disse Arman —, se você soltar essas aves. O homem riu e foi se afastando com os camelos.

- Não, espere! — Arman abriu a bolsa, mostrando o tesouro. O condutor de camelos arregalou os olhos. Aquilo era mais do que o próprio Cã pagaria. Antes que o rapaz mudasse de idéia, o homem agarrou a bolsa de dinheiro e foi embora.

Arman começou a desamarrar as aves. As mais fortes estenderam as asas e levantaram vôo, sumindo no céu. Mas algumas estavam fracas demais para voar. Arman colocou-as no chão com muito cuidado. Quando todas as aves estavam soltas, ele apanhou do chão um estorninho machucado e o aqueceu entre as mãos. Depois, delicadamente, afagou com o dedo a cabeça do passarinho, pousado tranqüilo na palma de sua mão. Depois de olhar à sua volta, o estorninho levantou vôo. Arman levou o dia inteiro para tratar de todos os pássaros, até que cada um deles tivesse condições de tomar seu rumo. Com o coração um pouco mais leve, ele finalmente se levantou, sacudiu a poeira dos joelhos e se virou para voltar para casa. Sentia-se aquecido, radiante, com os pés ágeis. No entanto, à medida que se aproximava de casa, seus pés pareciam cada vez mais pesados. “Arman, seu maluco”, ele dizia a si mesmo, “aquele ouro era para comprar sementes.” O que ele diria a seu mestre? E aos vizinhos de tão bom coração que lhe tinham confiado o dinheiro? Ele acabara perdendo tudo.

- E agora não haverá jardim nenhum — ele disse em voz alta. E, então, jogou-se no chão e começou a chorar.

Ali perto, um estorninho ouviu tudo. Então inclinou a cabeça e levantou vôo.

Que barulho era aquele? Arman levantou os olhos e viu que o ar estava tomado pelo farfalhar de asas velozes e pelo brilho de penas coloridas. E pássaros e mais pássaros vieram, um a um, planando até ele.

- Você nos salvou a vida — cantavam as aves. Agora, deixe-nos ajudá-lo.

O rapaz olhou à sua volta, espantado. Toda a vastidão da estepe estava coberta de aves, que

arranhavam a terra e ciscavam o chão, preparando o solo para o plantio. Falcões vinham de terras distantes e pousavam ali, com o bico cheio de sementes exóticas. Usando as asas, o bico e as garras, as aves plantavam as sementes. Com suas presas poderosas, águias cavavam tanques e pelicanos traziam água para enchê-los.

Arman ficou um tempão ali sentado, fascinado. Quando se levantou, as aves voaram para o céu, todas de uma vez. Então... que magia era aquela? As sementes começaram a germinar. E, num piscar de olhos, caules se transformaram em árvores e floresciam. E na mesma hora as flores caíam e em seu lugar surgiam maçãs redondas e brilhantes como moedas de ouro.

Em meio ao capim ondulavam papoulas e tulipas. Tapetes de pétalas cobriam os caminhos que se insinuavam entre lagoas serenas. Milhares de aves cantavam.

Arman olhava surpreso. Seria um sonho? Para ter certeza, colheu uma maçã dourada e levou-a correndo até a iurta do sábio.

- Arman! — o sábio abriu os braços para colher seu discípulo. Ofegante e com os olhos brilhando, Arman contou suas aventuras e mostrou-lhe o fruto dourado.

O sábio deu uma mordida na maçã e o suco doce da fruta encheu-lhe a boca. Então ele entendeu que o tesouro dourado tinha se transformado.

Radiante de felicidade, Arman conduziu o sábio, Asan e Hassan até o jardim.

Logo começou a chegar o povo das estepes. Asan e Hassan, vendo as pessoas passearem à sombra das árvores, entreolharam-se e sorriram. Jovens e velhos descansavam e brincavam. A fruta recém-colhida e a água limpa nutriam o corpo. A sombra fresca e os gramados macios repousavam a mente. E o canto de mil pássaros fazia os espíritos subirem ao céu.

Esta é a história do jardim mágico que brotou da generosidade de dois velhos amigos e do sonho de um jovem.

A árvore de sapatos

Muito longe daqui, no Sul da África, não muito tempo atrás, vivia uma tribo que não usava sapatos. Pra quê sapatos? Se a areia era macia, a grama também.

Mas às vezes as pessoas tinham que ir à cidade. Para resolver um assunto, um negócio de cartório, hospital, ou receber dinheiro ou até mesmo ir a uma festa. Aí eles precisavam de sapatos, e era um tal de pedir emprestado, que nunca dava certo.

Foi aí que o velho mais velho da vila que, como tantas vezes acontece, era também o mais sábio resolveu o problema. Ele abriu uma tenda de aluguel de sapatos bem na entrada da vila.

Instalou-se à sombra de uma grande árvore, e em seus galhos pendurou todo tipo de sapatos: sandálias, chinelos, alpargatas, botas, botinas, sapatos de salto alto, fechado atrás, aberto atrás, sapato de casamento, para enterro, de todas as cores, tipos e tamanhos.

As pessoas alugavam o sapato que queriam, iam pra cidade resolver seus assuntos e, na volta,

devolviam. Claro, tinham que pagar aluguel.

Você sabe qual era o aluguel?

No fim da tarde, depois que todo mundo já tinha terminado o serviço, tomado banho no rio, jantado, todo o povo da vila se reunia para ouvir a pessoa que tinha alugado o sapato contar, com todos os detalhes, por onde aquele sapato tinha andado.

Agora me fala, por onde seus sapatos tem andado?

(Esta história foi transcrita a partir do registro oral feito por Gilka Girardello em 2006, no Encontro Internacional Boca do Céu de Contadores de Histórias que aconteceu no Sesc Pinheiros.)

A lenda das areias

"Um rio, que partiu de sua nascente na montanha distante, depois de passar por todos os tipos e espécies de territórios, finalmente chegou às areias do deserto.

Assim como ele tinha atravessado todos os outros obstáculos, tentou atravessar aquele, mas percebeu que a sua água desaparecia nas areias na mesma rapidez que chegava. Estava convencido, no entanto, que seu destino era atravessar aquele deserto, mas ainda não havia como.

Então, uma voz oculta vinda do deserto, sussurrou: "O vento atravessa o deserto, e o rio também pode.

"O rio alegou que ele podia precipitar-se contra a areia, mas só conseguia ser absorvido: o vento podia voar, e por isso ele podia atravessar o deserto.

"Chocando-se com violência, da sua maneira habitual, assim você não pode atravessar. Você irá, ou desaparecer ou tornar-se um pântano. Você deve permitir que o vento possa transportá-lo ao seu destino"

"Mas como isso pode acontecer?"

"Permitindo-se ser absorvido pelo vento."

Essa ideia não era aceitável para o rio. Afinal, ele nunca tinha sido absorvido antes.

Ele não queria perder a sua individualidade.

"E, uma vez que a tivesse perdido, como saber se ela podia ser recuperada?"

"O vento", disse a areia - "executa essa função. Ele eleva a água, a carrega sobre o deserto e depois deixa-a cair novamente. Caindo como chuva, a água se torna novamente um rio."

"Como posso saber que isso é verdade?"

"É dessa forma, e se você não acredita, você não pode tornar-se nada mais do que um pântano e mesmo que levasse muitos e muitos anos, certamente não seria a mesma coisa que um rio."

"Mas eu não posso permanecer o mesmo rio que eu sou agora?"

"Em qualquer caso, você não pode permanecer assim", continuou a voz. "Sua parte essencial é levada embora e forma um rio novamente. Você é chamado da forma que você é hoje, porque você não sabe qual parte de você é a essencial."

"Quando o rio ouviu isso, certos ecos começaram a ressoar nos seus pensamentos. Vagamente lembrou um estado nele que ele, ou que parte dele - qual seria? - havia sido carregado nos braços

do vento. Também lembrou - ou lhe pareceu? - que isso era o que realmente deveria fazer, mesmo que não fosse o mais óbvio."

E o rio elevou seus vapores nos braços acolhedores do vento, que suave e facilmente os levaram para cima e à distância, deixando cair suavemente, logo que alcançaram o cume de uma montanha, muitos e muitos quilômetros de distância.

E porque teve suas dúvidas, o rio pode recordar e gravar mais fortemente em sua mente, os detalhes de sua experiência.

Ele pensou: "Sim, agora eu conheço minha verdadeira identidade."

O rio estava aprendendo, porém as areias sussurraram: "Nós sabemos, porque vemos isso acontecer dia após dia, e porque nós, as areias, nos estendemos por todo o caminho que vão desde as margens do rio até a montanha".

E é por isso que se diz que *O Caminho no qual o Rio da Vida tem de continuar a Sua Jornada está escrito nas Areias.*"

Regina Machado - Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias, Autora: Regina Machado, São Paulo: DCL,2004.

As longas colheres

Uma vez, num reino não muito distante daqui, havia um rei que era famoso tanto por sua majestade como por sua fantasia meio excêntrica.

Um dia ele mandou anunciar por toda parte que daria a maior e mais bela festa de seu reino. Toda a corte e todos os amigos do rei foram convidados.

Os convidados, vestidos nos mais ricos trajes, chegaram ao palácio, que resplandecia com todas as suas luzes.

As apresentações transcorreram segundo o protocolo, e os espetáculos começaram: dançarinos de todos os países se sucediam a estranhos jogos e aos divertimentos mais refinados.

Tudo, até o mínimo detalhe, era só esplendor. E todos os convidados admiravam fascinados e proclamavam a magnificência do rei.

Entretanto, apesar de primorosa organização da festa, os convidados começaram a perceber que a arte da mesa não estava representada em parte alguma.

Não se podia encontrar nada para acalmar a fome que todos sentiam mais duramente à medida que as horas passavam.

Essa falta logo se tornou incontrolável.

Jamais naquele palácio nem em todo o país aquilo havia acontecido.

A festa não parava de esforçar-se para atingir o auge, oferecendo ao público uma profusão de músicos maravilhosos e excelentes dançarinos.

Pouco a pouco o mal-estar dos espectadores se transformou numa surda mas visível contrariedade.

Ninguém, no entanto ousava elevar a voz diante de um rei tão notável.

Os cantos continuaram por horas e horas. Depois foram distribuídos presentes, mas nenhum deles era comestível.

Finalmente, quando a situação se tornou insustentável, e a fome intolerável, o rei convidou seus hóspedes a passarem para a uma sala especial, onde uma refeição os aguardava.

Ninguém se fez esperar. Todos, como um conjunto harmonioso, correram em direção ao delicioso aroma de uma sopa que estava num enorme caldeirão no centro da mesa.

Os convidados quiseram servir-se, mas grande foi sua surpresa ao descobrirem, no caldeirão, enormes colheres de metal, com mais de um metro de comprimento. E nenhum prato, nenhuma tigela, nenhuma colher de formato mais acessível. Houve tentativas, mas só provocaram gritos de dor e decepção. Os cabos desmesurados não permitiam que o braço levasse à boca a beberagem suculenta, porque não se podiam segurar as escaldantes colheres a não ser por uma pequena haste de madeira em suas extremidades.

Desesperados, todos tentavam comer, sem resultado. Até que um dos convidados, mais esperto ou mais esfaimado, encontrou a solução: sempre segurando a colher pela haste situada em sua extremidade, levou-a à ... boca de seu vizinho, que pôde comer à vontade.

Todos o imitaram e se saciaram, compreendendo enfim que a única forma de alimentar-se, naquele palácio magnífico, era um servindo o outro.

(Histórias da Tradição Sufi - Editora Dervish)

Dois homens e a borboleta azul

Dois homens viajavam juntos em pleno sol de verão. Eles iam aonde vão os peregrinos perpétuos: sempre em frente. Perto do meio dia, depois de caminhar muito desde o amanhecer, resolveram parar para comer e descansar à sombra de um grande carvalho, à beira de uma campina. Almoçaram um pedaço de pão e um copo de vinho. Depois um deles se estendeu sobre a relva, com o chapéu sobre os olhos, as mãos cruzadas sobre o ventre e dormiu.

Então, de dentro de sua boca aberta, seu companheiro viu sair uma borboleta azul. Voando em círculos crescentes a borboleta foi visitando arbustos e flores, até se dirigir para um crânio de cavalo que estava sobre a relva, a certa distância dali.

O homem sentado não perdeu um só dos movimentos da borboleta, que entrava e saía mil vezes daquele crânio, entrando por um olho, saindo pelo outro, depois desaparecendo no fundo das órbitas para reaparecer por entre os dentes, em rápidos volteios incessantes, até finalmente afastar-se e voltar outra vez a voar em círculos em torno da cabeça do homem que dormia e entrar pela sua boca adentro. Nesse momento o homem acordou, esfregou os olhos e disse para o amigo enquanto se espreguiçava longamente:

Acabo de ter um sonho muito agradável. Eu estava em um palácio magnífico, brilhante, maravilhoso. Eu visitava todos os seus aposentos, corria ao longo dos corredores, subia em seus andares mais altos que tinham o teto abobadado como as igrejas, depois descia a seus porões profundos. Este palácio era meu. E eu estava maravilhado porque ele tinha sido construído sobre

um imenso tesouro escondido sob suas muralhas.

Foi então que o outro lhe respondeu:

- Você quer que eu diga onde é que você esteve durante seu sono? Está vendo aquele crânio de cavalo que está brilhando ao sol? Foi para lá que você foi. Eu vi seu espírito sair pela sua boca na forma de uma borboleta azul. Ela visitou todos os lugares daquele crânio, do fundo do olho até os dentes e depois voltou para dentro da sua boca. Agora, se você quiser acreditar em mim, vamos fazer um buraco sob as muralhas deste palácio, para ver se o olho do sonho é mesmo clarividente.

Eles levantaram o crânio, cavaram a terra onde ele estava depositado e descobriram o tesouro escondido. Um imenso tesouro: lá havia TUDO, tudo o que um homem pode sonhar.

Extraído de El Caballo Magico Idries Shah

Esperar a alma

Era uma vez um explorador que estava acompanhando uma tribo de aborígenes na Austrália. Eles caminhavam por uma região desértica. O explorador levava um caderno, onde anotava tudo o que via: os gestos, as falas, o comportamento dos aborígenes. Ele percebeu que de tempos em tempos, dentro da sua caminhada eles paravam. Mas eles não paravam para comer ou para descansar. Eles simplesmente paravam. Depois que isso aconteceu uma, duas, três vezes ele resolveu perguntar àqueles homens porque eles paravam? Os aborígenes disseram:

- É muito simples. Nós paramos para esperar as nossas almas. É que as almas às vezes precisam parar para ouvir, perceber, para se dar conta de algo que o corpo não aprendeu. Por isso, é que às vezes é preciso parar para esperar a nossa alma chegar.

O cego e o caçador

Era uma vez um homem cego que morava numa palhoça, com sua irmã, numa aldeia na orla da Floresta. Esse homem era muito inteligente. Apesar de seus olhos não enxergarem nada, ele parecia saber mais sobre o mundo do que as pessoas cujos olhos viam tudo. Costumava sentar-se à porta de sua palhoça e conversar com quem passava. Quando alguém tinha problemas, perguntava-lhe o que fazer e ele sempre dava um bom conselho. Quando alguém queria saber alguma coisa, ele dizia, e suas respostas eram sempre corretas. As pessoas balançavam a cabeça, admiradas:

- Como é que você consegue saber tanta coisa, sem enxergar? E o cego sorria, dizendo:
- É que eu enxergo com os ouvidos.

Bem, um dia a irmã do cego se apaixonou. Ela se apaixonou por um caçador de outra aldeia. E logo o caçador se casou com a irmã do cego. Depois da festa de casamento, o caçador foi morar na palhoça, com a esposa. Mas o caçador não tinha paciência com o irmão da mulher, não tinha nenhuma paciência com o cego.

- Para que serve um homem cego? ele dizia. E a mulher respondia:
- Ora, marido, ele sabe mais coisas do mundo do que as pessoas que enxergam. O caçador

ria: Ha, ha, ha, o que pode saber um cego, que vive na escuridão? Ha, ha, ha...

Todos os dias, o caçador ia para a floresta com seus alçapões, lanças e flechas. E todas as tardes, quando o caçador voltava à aldeia, o cego dizia:

- Por favor, amanhã deixe-me ir com você caçar na floresta. Mas o caçador balançava a cabeça:

- Para que serve um homem cego?

Dias, semanas e meses se passavam, e todas as tardes o homem cego pedia:

- Por favor, amanhã deixe-me caçar também.

E todas as tardes o caçador dizia que não. Uma tarde, porém, o caçador chegou de bom humor. Tinha trazido para casa uma bela caça, uma gazela bem gorda. Sua mulher temperou e assou a carne e, quando eles acabaram de comer, o caçador disse ao homem cego:

- Pois bem, amanhã você vai caçar comigo.

Assim, na manhã seguinte os dois foram juntos para a floresta, o caçador carregando seus alçapões, lanças e flechas, e conduzindo o cego pela mão, por entre as árvores. Andaram horas e horas. Então, de repente, o cego parou e puxou a mão do caçador:

- Psss, um leão! O caçador olhou ao redor e não viu nada.
- É um leão, sim, mas está tudo bem. Ele não está faminto e está dormindo profundamente.

Não vai nos fazer mal.

Continuaram seu caminho e, de fato, encontraram um leão dormindo a sono solto, debaixo de uma árvore. Depois que passaram pelo animal, o caçador perguntou:

- Como você sabia do leão?
- É que eu enxergo com os ouvidos.

Andaram por mais quatro horas, e então o cego puxou de novo a mão do caçador:

- Psss, um elefante! O caçador olhou ao redor e não viu nada. É um elefante, sim, mas tudo bem. Ele está dentro de uma poça d'água e não vai nos fazer mal.

Continuaram seu caminho e, de fato, encontraram um elefante imenso, chapinhando numa poça d'água, esguichando lama nas próprias costas. Depois que passaram pelo animal, o caçador perguntou:

- Como você sabia do elefante?
- É que eu enxergo com os ouvidos.

Continuaram seu caminho, se aprofundando cada vez mais na floresta, até chegarem a uma clareira. O caçador disse:

- Vamos deixar nossos alçapões aqui. O caçador armou um alçapão e ensinou o cego a armar o outro.

Quando os dois alçapões estavam armados, o caçador disse:

- Amanhã vamos voltar para ver o que pegamos. E os dois voltaram juntos para a aldeia. Na

manhã seguinte, acordaram cedo. Mais uma vez, foram andando pela floresta. O caçador se ofereceu para segurar a mão do cego, mas o cego disse:

- Não, agora já conheço o caminho.

Dessa vez, o homem cego foi andando na frente. Não tropeçou em nenhuma raiz nem toco de árvore. Não errou o caminho nem uma vez. Andaram, andaram, até chegarem à clareira em que tinham armado os alçapões. De longe, o caçador viu que havia um pássaro preso em cada alçapão. De longe, viu que o pássaro preso em seu alçapão era pequeno e cinzento e que o pássaro preso no alçapão do cego era lindo, com penas verdes, vermelhas e douradas.

- Sente-se ali - ele disse.

Cada um de nós apanhou um pássaro. Vou tirá-los dos alçapões. O cego sentou-se e o caçador foi até os alçapões, pensando:

- Um homem que não enxerga nunca vai perceber a diferença.

E o que foi que ele fez? Deu ao cego o pequeno pássaro cinzento e ficou com o lindo pássaro de penas verdes, vermelhas e douradas. O cego pegou o pássaro cinzento nas mãos, levantou-se e os dois rumaram de volta para casa. Andaram, andaram, e a certa altura o caçador disse:

- Já que você é tão inteligente e enxerga com os ouvidos, responda uma coisa: por que há tanta desavença, ódio e guerra neste mundo?

O cego respondeu:

- Porque este mundo está cheio de gente como você, que pega o que não é seu.

O caçador se encheu de vergonha. Pegou o pássaro cinzento da mão do cego e deu-lhe o pássaro lindo, de penas verdes, vermelhas e douradas.

- Desculpe - ele disse.

Os dois continuaram andando, e a certa altura o caçador disse:

- Já que você é tão inteligente e enxerga com os ouvidos, responda uma coisa: por que há tanto amor, bondade e conciliação neste mundo?

O cego respondeu:

- Porque este mundo está cheio de gente como você, que aprende com seus próprios erros.

Os dois continuaram andando, até chegarem à aldeia. E, a partir daquele dia, quando alguém perguntava ao cego:

- Como é que você consegue saber tanta coisa, sem enxergar?, era o caçador que respondia:
- É que ele enxerga com os ouvidos... e ouve com o coração.

Histórias de Sabedoria e Encantamento, Hugh Lupton -

África Ocidental - Editora Martins Fontes

O comprador de sonhos

Agapito era um índio mexicano, camponês sem terra, pastor de ovelhas sem ovelhas. Isso fazia dele um peão.

Um peão é pobre no começo e mais que pobre no final, quando a força para trabalhar o abandona.

As pessoas de sua aldeia eram camponesas de fato, pois tinham uma terra para elas. Mas de que serve uma terra onde nada cresce?... Na sierra mexicana, a terra é vermelha e bonita como a pele dos homens e das mulheres índias, mas é árida.

E como nada se pode esperar de uma terra árida, Agapito, para não morrer de fome, desceu a sierra e buscou trabalho como peão numa plantação de cacau.

Durante três anos ele cuidou das árvores e colheu seus frutos maduros. Com o tempo, sua pele já tinha o cheiro do cacau. Mas Agapito não gostava desse cheiro e nem do calor úmido da região. Ele tinha muita saudade de sua sierra.

Para ter coragem, pensava no dia em que seu trabalho terminaria na fazenda de cacau. Nesse dia, ele voltaria a sua aldeia, levando consigo uma mala enorme, cheia de presentes para todos os seus amigos. E imaginava a gritaria que seria. “É Agapito que está de volta! Agapito está de volta!”... E nesse dia toda a aldeia estaria feliz, e Agapito mais que todos. Ele tinha tanta vontade de ser feliz!

Ao final de três longos anos, Agapito recebeu seu salário. Ele não compreendia muito bem as contas que fazia o capataz da plantação, um homem acostumado aos grandes cálculos e que falava muito rápido:

– Três anos, a tantos por ano... Aluguel e comida a descontar... Um poncho comprado a crédito... a descontar... Por sua negligência, dez árvores produziram menos... a descontar... Perda de uma machadinha... a descontar... Eis, então, seu ganho: três centavos em moedas de cobre. O próximo!

Agapito afastou-se lentamente. Na sua mão, ele tinha três centavos.. tres moedinhas de cobre. Era tudo!

À noitinha, Agapito chegou à pequena cidade próxima da plantação. Era uma cidade alegre e iluminada. As pessoas pareciam felizes. As lojas estavam cheias de coisas maravilhosas, os mercadores ambulantes ofereciam objetos lindos, mas caros... E Agapito tinha apenas três moedas de cobre. E ainda precisava pensar nas despesas com a alimentação durante a longa caminhada até sua aldeia.

Mas, quando Agapito deparou com a vitrine de um vendedor de doces, ficou deslumbrado. Havia na vitrine flores de açúcar impressionantemente lindas. Um centavo de cobre cada uma... Decididamente, Agapito comprou uma charmosa rosa de açúcar vermelho. A pequena Panchita, a deslumbrante filha da vizinha, teria este presente! Agapito comeria menos, e pronto!

Pouco a pouco as luzes da cidade foram se apagando, as janelas foram se fechando... E Agapito estava fatigado. Ele tinha fome, muita fome, mas preferiu deixar para comer no dia seguinte antes de se colocar a caminho de casa.

Um barulho de água levou-o até uma fonte pública, e ele bebeu avidamente para distrair o estômago. Já ia se afastando da fonte, quando viu um homem que segurava uma tigela vazia. Como o homem não tinha forças para ir até a fonte, Agapito aproximou- se timidamente, pegou a tigela e perguntou:

– Quereis água?

O homem levantou levemente as pálpebras. Ele parecia muito doente...

Quando Agapito entregou-lhe a tigela cheia de água, o homem não teve forças para segurá-la. Agapito deu-lhe então de beber, como se fosse uma criança.

Embora parecesse muito doente, o homem não tinha febre. Agapito compreendeu: quando um homem que não é velho nem tem febre está muito fraco para segurar uma tigela, sabe-se bem do que é que ele sofre...

Agapito correu até o vendedor de tortilhas, que lhe informou:

- Um centavo por uma farta porção!

Agapito, sem hesitar, comprou uma porção e a levou para o homem, que, ao ver as tortilhas, sorriu e começou a comê-las, uma a uma, suavemente, pois todos sabem que, quando se tem muita fome, é perigoso comer muito rápido. Quando terminou, olhou para Agapito e perguntou:

- Maia?

Agapito respondeu que sim, que ele era um índio maia das altas sierras.

- Eu sou pueblo – disse o homem, apontando para o norte. – Longe...

- Peão? – perguntou-lhe Agapito.

-Sim, mas acabou.

Agapito contou sua história ao homem pueblo. Contou-lhe também o quanto queria rever sua terra e seus amigos...

-Aqui – disse Agapito – eu não sou feliz... Na minha terra, não tenho o que comer...

Como se deve fazer para ser feliz?

O pueblo, que escutava tudo em silêncio, olhou fixamente para Agapito, tirou do bolso uma coisa muito pequena e disse:

- Dê-me sua mão. Este é um presente para você... A felicidade, talvez... mas eu não sei.

E entregou a Agapito uma semente redonda da cor do ouro, fazendo-lhe, em seguida, um sinal para que o deixasse só.

Agapito caminhou pela cidade até que encontrou um cantinho perto da porta de um albergue, e por ali dormiu profundamente. De repente, acordou sobressaltado com um pesadelo horrível. Ele estava ainda na plantação e o capataz gritava:

– Agapito deve dez ponchos! Ele perdeu mil machadinhas! Ele deixou cem mil árvores morrer! Agapito tem de pagar suas dívidas! Ele deverá trabalhar na plantação trinta vezes três anos e, depois, mais dez vezes três anos, e ainda...

Já amanheceu e a porta do albergue estava aberta. De dentro vinha um cheiro delicioso e quente de tortilhas, recheadas de pimenta com carne. Agapito tinha fome e entrou. Enquanto esperava para ser atendido pela bela servente, viu entrar um homem bem-disposto que dormira no albergue.

– Traga-me rápido a comida, Chica, e eu lhe contarei um belo sonho. Sonhei que uma deusa de longos cabelos negros era minha esposa. Nós morávamos bem no centro de uma floresta de ouro. Aquele que colhesse um galho de ouro na floresta estava livre da fome e de qualquer problema. E todas as pessoas vinham à nossa floresta. Elas colhiam braçadas de galhos de ouro e

partiam felizes. E eu olhava toda aquela gente e me sentia ainda mais feliz. Não é um belo sonho?

- O mais bonito que já escutei em toda a minha vida, senhor.

Agapito ficou impressionado e pensou: “Este homem tem sorte: dormiu dentro do albergue e, sem dúvida, come sempre que tem fome. Ele não tem necessidade do seu sonho para estar feliz. Se eu gastar o último centavo que me resta com comida, amanhã ainda terei fome. Mas, se eu comprar esse sonho, serei feliz pensando nele amanhã, depois de amanhã, na próxima primavera...”

A servente chegou com uma tigela fervendo, deliciosa. Serviu-a ao homem de sorte e já ia entregar outra a Agapito, quando ele se levantou, aproximou-se do homem e disse:

- Eu não vou comer.
- O que você quer? – perguntou-lhe o homem.
- O seu sonho. Eu quero comprá-lo.

O homem começou a rir daquela idéia tão extravagante, mas Agapito estava sério.

- Você quer comprar meu sonho? Mas para que ele poderá lhe servir?
- Ele servirá para me fazer feliz. É um sonho bonito... Aqui está o dinheiro.

Ele colocou sua última moeda sobre a mesa; o homem não podia acreditar.

– Um centavo? É pouco, mas ainda assim é muito para pagar um sonho. Guarde seu dinheiro e, se o sonho lhe agrada, ele é seu. Eu lhe dou meu sonho.

Agapito sentiu-se ofendido.

- Eu não estou mendigando.

Pegou sua moeda e já estava saindo do albergue, decepcionado, quando o homem o chamou.

- Se você quer mesmo comprar meu sonho, dê-me seu centavo. Eu lhe vendo meu sonho.

Agapito, entusiasmado, entregou-lhe sua última moeda. O sonho agora é meu?

– Claro. É um negócio honesto, completamente regular. Você é testemunha, Chica! Chica aprovou seriamente o negócio:

- Claro, senhor. O senhor vendeu um belo sonho, ele foi pago e eu sou testemunha.

Esquecendo sua fome, Agapito saiu do albergue. Ele queria ficar sozinho para pensar no seu belo sonho. Mas a servente veio correndo atrás dele.

– Você vai partir para a sierra? Eu queria que passasse por Achulco, a aldeia onde mora minha mãe.

- E o que você quer que eu diga a ela?

– Conte a ela seu sonho. Minha mãe é sozinha e triste. Ela ficará feliz com a bela história de seu sonho.

Agapito estava confuso.

-Eu não sei contar histórias. Talvez o sonho não fique tão bonito se eu o contar. E Chica respondeu:

- Mas é o seu sonho! Quem poderia contá-lo melhor?

Ela, então, entregou-lhe uma sacola com tortilhas, pão, tomate e pimenta.

- Tome! Este é meu presente para sua viagem.

Agapito tinha um longo caminho a percorrer, pois Achulco era longe. Ele chegou ao vilarejo no dia seguinte, à tarde, e pediu informações a uma mulher que lavava roupas na porta de casa.

- A Chica que trabalha na vila? Aquela é a casa de sua mãe. Mas não lhe dê más notícias.
- Eu trago boas notícias – disse Agapito.

– Vá logo, então! A mulher deixou seu serviço e começou a chamar todas as outras para que também escutassem as novidades. Rapidamente a sala da casa estava cheia, e a mãe de Chica pediu silêncio:

– Este rapaz – disse ela – teve um sonho magnífico e minha filha o mandou aqui para que me contasse. Cada palavra de Agapito é a palavra da verdade. Chica é testemunha.

E Agapito começou a falar. Ele estava à vontade e as palavras chegavam-lhe facilmente. Chica tinha razão: esse sonho era dele, pois ele o contava tão bem!

- Uma floresta de ouro? E todo mundo poderia colher seus troncos? Eu também? – perguntou um velho, pensativo.

- Sim – disse Agapito. – Você e todos os outros.

- Então ninguém mais teria fome... É um belo sonho. Estamos felizes por ter escutado seu sonho.

A mãe de Chica estava orgulhosa de sua filha, que enviara aquele mensageiro a todos do vilarejo.

Agapito passou a noite ali e, quando partia, na manhã seguinte, um homem veio procurá-lo.

– Minha mulher e meus filhos moram num vilarejo a um dia de caminhada daqui. Se você passar por lá, poderia contar-lhes seu sonho?

Agapito consentiu e continuou seu caminho. O homem decidiu segui-lo, para ouvir mais uma vez o sonho.

A notícia corria de boca em boca, e Agapito precisou sair várias vezes de sua rota para contar seu sonho por encomenda de alguém. Mas o que fazer? Só um louco se recusaria a dar tanta alegria aos outros.

Um dia, finalmente, Agapito chegou ao seu próprio vilarejo. Logo na entrada, viu uma bela jovem com vestido vermelho e seu coração palpitou forte. Era Panchita, a filha da vizinha. Como se tornara linda!

- É você, Agapito? Como demorou a voltar!
- Eu lhe trouxe um presente.

Todas as crianças corriam pelas ruas para anunciar a chegada de Agapito. E à noite, em torno da fogueira, Agapito contou seu sonho a todos. Panchita, a seu lado, segurava com orgulho a rosa de açúcar. Ela parecia uma rainha e, com os olhos brilhantes, disse:

- Você trouxe as sementes das quais nascerá a floresta?
- Eu tenho uma semente.

E todos viram aquela semente cor de ouro. Agapito contou como a ganhara e o que lhe dissera o pueblo.

Uma senhora idosa abaixou-se e examinou a semente.

– É um grão d'ixium, o milho. Mas essa felicidade não é para nós. Há muito tempo, um homem do vilarejo matou um ganso selvagem que era mensageiro da grande deusa do milho. Ela se irritou e proibiu o milho de brotar em nossas terras.

– E foi há muito tempo? – perguntou Panchita.

– Há muito tempo – confirmou a senhora.

– Talvez as coisas tenham mudado... Vamos plantá-lo! – sugeriu Agapito.

– Sim, vamos plantá-lo, Agapito! – disseram todos. Agapito plantou o grão de milho imediatamente.

Numa manhã de outono, quando Agapito saiu de casa, viu gansos selvagens voando bem alto no céu. Era sinal de boa colheita. Agapito correu até os campos e lá havia uma bela floresta: o milho amadurecera e, de tão bonito, de tão maduro, parecia de ouro. E, no meio daquela floresta dourada, Panchita dançava com os cabelos soltos ao vento. E, de tão bela, parecia uma deusa!

O Ofício do contador de histórias – Gislayne Avelar Matos e Inno Sorsy.

Okino e as baleias

Todos os dias a mulher levava a sua filhinha à beira do mar e enquanto lavava a roupa, panos grandes e coloridos chamados quimono, para seus clientes, a menina brincava o dia inteiro com conchas, plantas aquáticas e pequenos caranguejos.

Um dia, depois que a mulher tinha dobrado os panos limpos secados pelo sol, e ia levá-los para casa, a menina tinha desaparecido. A mulher começou a procura-la por toda a praia, entre as rochas, e nas pequenas lagoas formadas na margem. Chamava o seu nome, mas a filhinha não lhe respondia. Perguntou às andorinhas, ao capim, aos pequenos peixes, mas ninguém tinha visto a menina.

Finalmente a mulher, triste e cansada, sentou-se numa pedra rasa e olhou para o mar. Será que a sua filhinha teria se afogado?

Foi então que uma gaivota se acerbou e gritou com sua voz estridente:

- Lá no fundo do mar, sua filha pude avistar. No palácio de areia da grande baleia.

A mulher estendeu os seus braços para o alto e disse ansiosa:

Diga-me, gaivota, você que sobrevoa o mar durante o dia todo, diga-me como encontrá-la. Posso vê-la?

A gaivota deu um voo de mergulho e tirou um peixe da água e gritou: Ande sempre em frente. Não perca a esperança de ver a sua criança. A mulher começou a chorar:

- Mas as ondas não irão me engolir?

A gaivota já queria se afastar, mas voltou mais uma vez e disse bem baixinho:

- Leve uma luz ao mar fundo e encontrarás o caminho ao outro mundo. A mulher então tomou coragem e buscou uma lamparina de óleo, acendeu a chama e entrou na água, cada vez mais fundo,

através das ondas. E, surpresa, constatou que a luz continuava ardendo tranquilamente.

Andou por muitas horas, andou, andou, andou, até avistar o palácio real das baleias. A gaiivota tinha dito a verdade. Acercando-se entrou num grande salão de cristal, decorado com madrepérola, escama coloridas e os mais lindos corais, iluminado por gotas douradas polidas de âmbar. Através de uma parede fina ela pode ver várias crianças dançando uma alegre ciranda. A sua filhinha também estava entre elas e ria, e tinha as faces rosadas como maçãzinhas maduras.

Por muito tempo ficou parada ali, olhando. Foi quando ouviu atrás de si uma voz muito grave, ressoante, cantante:

- Como veio até aqui e o que quer?

Virando-se para a voz viu diante de si a grande Iwa, a mãe dos mares, a cortina brilhante de grandes barbatanas, uma enorme boca aberta, um corpo enorme e acinzentado. Sobre a suas costas brilhavam inúmera concha e caramujo. Anêmonas marítimas se moviam como dançarinas de braços longos. A mulher, corajosa, estendeu sua mão mostrando a pequena chama que continuava ardendo, tranquila.

- Esta luz me guiou e me protegeu. Estou procurando a minha filha! Por favor, grande mãe, devolva-me a minha filha! Deixe-me entrar no salão!

- Você não pode entrar neste salão enquanto estiver respirando o ar dos seres humanos. Apenas poderá ver sua filha através da parede vítrea, mas como você teve coragem de vir até aqui, quero dar-lhe uma tarefa. Se conseguir cumpri-la, poderá desencantar a sua filha e levá-la para casa. Você trouxe uma luz para o nosso mundo, mas estou com frio. Teça agora para mim um manto que possa me aquecer, teça-o com os seus próprios cabelos e quando estiver pronto, poderei devolver-lhe sua filha. Aqui há um creme de óleo e âmbar, que fará seu cabelo crescer rapidamente.

A mulher cortou os seus longos cabelos pretos e começou a tecer, dia e noite e a luz ao seu lado continuava acesa. As conchas nas costas da Iwa se abriam e fechavam, pequenas bolhas saíam dela e subiam pela água. As anêmonas dançavam sua dança misteriosa e a mulher as observava, descansando de vez em quando do difícil trabalho.

Passou-se muito tempo.

Quando ela terminou de tecer todo o seu cabelo, o manto estava apenas pela metade. Ela o mostrou à grande mãe dos mares, que não se deixou convencer:

- Preciso do manto inteiro!

A mulher então esfregou o creme na cabeça e esperou os seus cabelos crescerem. Cortou-os e continuou tecendo. Finalmente conseguiu terminar o manto. Feliz levou-o à grande Iwa que então abriu a porta do salão de cristal e buscou a menina que já se havia tornado uma linda jovem.

Muito feliz a mulher abraçou sua filha. E a baleia-mãe-dos-mares chamou dois golfinhos para que levassem a mulher com a filha às margens do mar.

E assim voltaram para casa. Desde então, todos os anos, quando as pequenas baleias e os golfinhos brincam na água e as visitam, a mulher – agora já uma velhinha, senta-se numa pedra rasa da praia e os observa. Depois conta aos seus netos sobre as vivências que teve no palácio da

grande Iwa, a mãe do mar. E enquanto conta, segura uma pequena lamparina acesa na mão.

Conto dos esquimós, recontado por Arnica Esterl, trad. Karin Ulex

Os sons do silêncio

Um rei mandou seu filho estudar no templo de um grande mestre com o objetivo de prepará-lo para ser uma grande pessoa.

Quando o príncipe chegou ao templo, o mestre o mandou sozinho para uma floresta. Ele deveria voltar um ano depois, com a tarefa de descrever todos os sons da floresta. Quando o príncipe retornou ao templo, após um ano, o mestre lhe pediu para descrever todos os sons que conseguira ouvir.

Então disse o príncipe: "Mestre, pude ouvir o canto dos pássaros, o barulho das folhas, o alvoroço dos beija-flores, a brisa batendo na grama, o zumbido das abelhas, o barulho do vento cortando os céus...". E ao terminar o seu relato, o mestre pediu que o príncipe retornasse a floresta, para ouvir tudo o mais que fosse possível. Apesar de intrigado, o príncipe obedeceu a ordem do mestre, pensando: "Não entendo, eu já distingo todos os sons da floresta..." Por dias e noites ficou sozinho ouvindo, ouvindo, ouvindo... mas não conseguiu distinguir nada de novo além daquilo que havia dito ao mestre.

Porém, certa manhã, começou a distinguir sons vagos, diferentes de tudo o que ouvira antes. E quanto mais prestava atenção, mais claros os sons se tornavam. Uma sensação de encantamento tomou conta do rapaz. Pensou: "Esses devem ser os sons que o mestre queria que eu ouvisse..." E sem pressa, ficou ali ouvindo e ouvindo, pacientemente. Queria ter certeza de que estava no caminho certo.

Quando retornou ao templo, o mestre lhe perguntou o que mais conseguira ouvir. Paciente e respeitosamente o príncipe disse: "Mestre, quando prestei atenção pude ouvir o inaudível som das flores se abrindo, o som do sol nascendo e aquecendo a terra e da grama bebendo o orvalho da noite..." O mestre sorrindo, acenou com a cabeça em sinal de aprovação, e disse: "Ouvir o inaudível é ter a calma necessária para se tornar uma grande pessoa. Apenas quando se aprende a ouvir o coração das pessoas, seus sentimentos mudos, seus medos não confessados e suas queixas silenciosas, uma pessoa pode inspirar confiança ao seu redor; entender o que está errado e atender as reais necessidades de cada um.

A morte do espírito começa quando as pessoas ouvem apenas as palavras pronunciadas pela boca, sem se atentarem no que vai no interior das pessoas para ouvir os seus sentimentos, desejos e opiniões reais.

"É preciso, portanto, ouvir o lado inaudível das coisas, o lado não mensurado, mas que tem o seu valor, pois é o lado mais importante do ser humano...".

Conto de tradição oral, citado por Alessandra Giordano, no livro "Contar histórias – um recurso arteterapêutico de transformação e cura"

O pote rachado

Era uma vez, na Índia, um carregador de água. Ele carregava diariamente dois grandes potes pendurados em cada ponta de uma vara que ele colocava no pescoço.

Ele devia levar a água até a casa de seu senhor, no alto de um morro. Um dos potes era perfeito e, sempre, chegava cheio de água ao fim da longa jornada entre o poço e a casa do senhor. Entretanto, o outro pote tinha uma rachadura e, sempre, chegava ao seu destino apenas com metade da água.

Foi assim durante dois anos: o carregador sempre entregava um pote e meio de água na casa do seu senhor. É claro que o pote perfeito estava feliz e orgulhoso de suas realizações. Entretanto, o pote rachado estava envergonhado de sua imperfeição e se sentia miserável por ser incapaz de realizar sua obrigação.

Após dois anos, chegando à conclusão de que havia sido uma falha amarga, um grande fracasso, o pote rachado falou ao carregador:

– Bom homem, estou muito envergonhado e queria pedir-lhe desculpas! O carregador, muito espantado, perguntou:

– Pedir-me desculpas, pote? Por quê? Você está envergonhado? De quê?

– Nesses dois anos – falou o pote – eu fui capaz de entregar apenas metade da minha carga, porque minha rachadura faz com que a água vaze por todo o caminho até a casa de seu senhor. Por causa do meu defeito, você tem todo esse trabalho, mas não tem recebido o salário completo que mereceria por todo os seus esforços.

O homem ficou triste com a situação do velho pote e falou:

– Quando hoje retornamos à casa do meu senhor, observe o seu lado, ao longo do caminho.

E assim aconteceu. Quando iniciaram a subida o pote rachado olhou atentamente o caminho ao seu lado e percebeu que ele estava cheio das mais lindas flores, delicadas, de todas as cores. Parecia um mar de flores, um bordado encantado e colorido, um arco-íris perfumado. E, essa visão maravilhosa, deu ânimo ao pote e ele até conseguiu se sentir feliz. Mas, ao final da estrada, lá no alto do morro, quando o pote novamente percebeu que havia conseguido trazer apenas a metade da água ele se sentiu novamente infeliz e, uma vez mais, pediu envergonhado desculpas ao carregador pela sua lamentável falha. Disse então o homem ao pote.

– Não se sinta tão infeliz! Você notou que, ao longo do caminho só havia flores do seu lado? Ao conhecer o seu defeito, tirei vantagem dele. Lancei sementes de flores no seu lado do caminho e, a cada dia, quando voltávamos à casa de meu senhor e você derramava água, ela foi regando as flores. Assim, por dois anos eu tenho colhido essas lindas flores. Se você não fosse desse jeito que é, esse caminho não teria tanta graça e beleza.

E o pote então, comovido, sentiu-se feliz!”

Oochigeaskw, uma cinderela algonquina

“Numa aldeia Micmac, à beira de um grande lago, vivia um viúvo com suas três filhas. A mais velha era vaidosa e impaciente; a segunda, preguiçosa e rabugenta; a terceira, humilde e de bom coração. Suas irmãs a maltratavam o tempo todo, obrigando-a a fazer o trabalho pesado e a cuidar do fogo. Às vezes, a mais velha a queimava com cinza quente, o que a deixou com tantas cicatrizes que passou a ser chamada Oochigeaskw, a menina do rosto marcado.

Na fronteira dessa aldeia viviam dois irmãos, um rapaz e uma moça. Eles não chamariam a atenção de ninguém, se não fosse por um detalhe: o rapaz era invisível aos olhos de todos, a não ser os da irmã. E todos sabiam que, se um dia alguma jovem pudesse vê-lo, casaria com ele... o que todas, levadas pela curiosidade e pela fascinação, gostariam de fazer.

Uma a uma, as jovens da aldeia se submetiam à prova estabelecida pelo rapaz, indo ao encontro da irmã dele e passeando com ela à beira do lago. Em dado momento, a irmã do rapaz invisível parava e indagava se a amiga estava vendo seu irmão, e, caso a resposta fosse afirmativa, perguntava de que era feita a corda de seu arco e com o que ele puxava seu trenó.

Sem poder vê-lo, as jovens arriscaram respostas. “A corda é feita de couro cru”, diziam, ou ainda, “Ele puxa o trenó com um galho flexível de árvore”. A irmã percebia que as moças tentavam enganá-la, mas mesmo assim as convidava à sua tenda, onde servia ao irmão alimentos que, pouco a pouco, iam desaparecendo, sem que as convidadas pudessem ver quem comia. Por fim, as jovens desistiram de ver o que quer que fosse e voltavam para casa.

Certo dia, as irmãs de Oochigeaskw resolveram tentar a sorte, mas não quiseram levar a mais nova, a quem deixaram com serviço dobrado para fazer enquanto estivessem fora. No fundo, elas não acreditavam poder ver o rapaz invisível, mas tinham esperanças de que ele se deixaria seduzir por sua beleza. O rapaz e sua irmã, contudo, se portaram exatamente como das outras vezes, e as duas voltaram para casa sem nada ter conseguido.

No dia seguinte, o pai delas chegou com uma porção de conchinhas muito bonitas, que as filhas mais velhas pegaram para si. Enquanto isso, Oochigeaskw, que sempre andara descalça, pediu e obteve do pai um velho par de mocassins, e depois foi à floresta e arrancou cascas de bétula, com as quais fez um vestido. Ao retornar, pediu conchinhas às irmãs para adorná-lo. A mais velha não a atendeu, mas a segunda ficou com pena e lhe deu algumas conchinhas. Oochigeaskw enfeitou seu vestido com elas, conforme aprendera com seus ancestrais, calçou os mocassins do pai e saiu para também tentar a sorte com o ser invisível, embora as outras moças tentassem impedi-la, dizendo que era tão feia que nem seria recebida pela irmã do rapaz.

De fato, com a estranha roupa de casca de árvore, os velhos mocassins e o rosto coberto de cicatrizes, Oochigeaskw não era atraente. Mas a irmã do ser invisível, que enxergava além das aparências, a recebeu com um sorriso e a levou para caminhar à margem do lago.

- Você pode ver meu irmão chegar? – perguntou ela, de repente.
- Sim, e ele é muito belo – disse Oochigeaskw.
- De que é feita a corda do seu trenó?

- Do arco-íris.
- E a corda do seu arco?
- São as estrelas da Via Láctea – murmurou a moça.
- Eu sabia desde o início que você o veria! – exclamou a irmã, feliz. – Venha, vamos para casa esperá-lo.

Ao entrar na tenda, a irmã preparou um banho com raízes perfumadas para Oochigeaskw. Enquanto a banhava, suas cicatrizes iam desaparecendo e seu cabelo se tornando espesso e brilhante. A irmã a penteou e depois a vestiu com um lindo vestido de casamento, bordado em conchinhas dispostas em desenhos, como faziam os antepassados. Então, disse-lhe para sentar no lugar reservado àquela que seria a esposa de seu irmão.

Quando ele, belo e forte, entrou na tenda, viu a jovem que o esperava e perguntou:

- Já não nos vimos antes?
- Sim, hoje, no final da tarde – respondeu ela, os olhos brilhando como estrelas.

E, desse dia em diante, Oochigeaskw, a menina do rosto marcado, ficou na memória de seu povo como a mulher do ser invisível... Aquela que soube ver.”

O violino Cigano & outros contos de Mulheres Sábias, de Regina Machado

O Verdadeiro Valor do Anel

Era uma vez um rapaz que procurou um sábio em busca de ajuda.

— Venho até cá, mestre, porque me sinto tão tacanho que não tenho vontade de fazer nada. Dizem-me que não presto, que não faço nada bem, que sou lento e estúpido. Como posso melhorar? Que posso fazer para que as pessoas me valorizem mais?

O mestre, sem olhar para ele, disse:

— Lamento muito, rapaz, mas não posso ajudar-te. Primeiro, tenho de resolver o meu próprio problema. Talvez depois... — E, fazendo uma pausa, acrescentou: — Se tu me quiseres ajudar, eu poderia resolver este assunto mais depressa e talvez depois te possa ajudar.

— Com todo o prazer, mestre — gaguejou o rapaz, sentindo novamente que estava a ser desvalorizado e que as suas necessidades eram adiadas.

— Bom — continuou o mestre, tirando um anel que trazia no dedo mindinho da mão esquerda. Dando-o ao rapaz, acrescentou: — Pega no cavalo que está lá fora e vai ao mercado. Tenho de vender este anel porque preciso de pagar uma dívida. Tens de obter por ele a maior quantia possível e não aceites menos do que uma moeda de ouro. Vai e volta com a moeda o mais depressa que puderes.

O jovem pegou no anel e partiu. Assim que chegou ao mercado, começou a oferecer o anel aos comerciantes, que o fitavam com interesse até o jovem dizer quanto queria por ele.

Sempre que o rapaz mencionava a moeda de ouro, alguns riam-se, outros viravam-lhe a cara e

só um velhinho foi suficientemente amável e se deu ao trabalho de lhe explicar que uma moeda de ouro era demasiado valiosa para ser trocada por um mero anel. Alguém, desejoso de ajudar, ofereceu-lhe uma moeda de prata e um recipiente de cobre, mas o jovem tinha ordens para não aceitar menos do que uma moeda de ouro e, como tal, rejeitou a oferta.

Depois de oferecer a jóia a todas as pessoas que se cruzaram com ele no mercado, que foram mais de cem, e abatido pelo seu fracasso, o rapaz montou no cavalo e regressou para junto do sábio.

Ele ansiava por uma moeda de ouro para entregar ao mestre e libertá-lo da sua preocupação, de modo a poder receber finalmente o seu conselho e ajuda.

Entrou no quarto do sábio.

— Mestre — disse — lamento muito. Não é possível fazer o que me pedes. Talvez tivesse conseguido arranjar-te duas ou três moedas de prata, mas não creio conseguir enganar as pessoas quanto ao verdadeiro valor do anel.

— O que disseste é muito importante, meu jovem amigo respondeu o mestre, sorridente. — Primeiro, temos de conhecer o verdadeiro valor do anel. Torna a montar no teu cavalo e vai ao ourives. Quem melhor do que ele para nos dizer o valor? Diz-lhe que gostavas de vender a jóia e pergunta-lhe quanto te dá por ela. Mas não importa o que ele te ofereça: não lho vendas. Volta com o meu anel. O jovem tornou a cavalgar.

O ourives inspecionou o anel à luz da candeia, observou-o à lupa, pesou-o e respondeu ao rapaz:

— Diz ao mestre, rapaz, que, se o quiser vender agora mesmo, não lhe posso dar mais do que cinquenta e oito moedas de ouro pelo seu anel.

— Cinquenta e oito moedas?! — Exclamou o jovem.

— Sim — replicou o ourives. — Eu sei que, com tempo, poderíamos obter por ele cerca de setenta moedas, mas se a venda é urgente...

O jovem correu, emocionado, para casa do mestre, ansioso por lhe contar a novidade.

— Senta-te — disse o mestre depois de o ouvir. — Tu és como esse anel: uma joia valiosa e única. E, como tal, só podes ser avaliado por um verdadeiro perito. Porque é que vives à espera que qualquer pessoa descubra o teu verdadeiro valor?

E, dito isto, tornou a pôr o anel no dedo mindinho da sua mão esquerda.

Jorge Bucay, *Deixa-me que te conte* - Ed. Pergaminho, 2004

Carne de Língua

Há muito, muito tempo, existiu um rei que se apaixonou perdidamente por uma rainha. Depois do casamento, ela foi morar no castelo do rei, mas, assim que pisou lá, misteriosamente ficou doente. Ninguém sabia por que a rainha havia adoecido; o fato, porém, é que ela definhava a cada dia.

O dono da coroa, que era muito rico e poderoso, mandou chamar os melhores médicos do mundo. Eles a examinaram, mas não descobriram a causa da doença. O rei, então, mandou chamar os curandeiros mais famosos do mundo. Fizeram preces, prepararam poções e magias. Também não adiantou nada. A rainha emagrecia diariamente – dali a pouco desapareceria por completo.

O rei, que amava sua esposa tão intensamente, decidiu:

Eu mesmo vou procurar a cura para a doença da minha rainha.

E lá foi ele procurar a cura para a sua rainha. Andou por cidades e campos. Num desses campos, avistou uma cabana. Ao chegar perto, aproximou o rosto da janela e viu, lá dentro, um casal de camponeses. O camponês mexia os lábios e, na frente dele, a camponesa, gordinha e rosadinha, não parava de gargalhar. Os olhos daquela mulher transbordavam felicidade.

O rei começou a pensar:

– O que será que faz essa mulher ser tão feliz assim?

Com essa pergunta na cabeça, ele respirou fundo e bateu à porta da cabana.

– Majestade! O que o nosso rei deseja? – perguntou o súdito, um pouco assustado com a presença real à sua frente.

– Quero saber, camponês, o que você faz para sua mulher ser tão feliz e saudável? A minha mulher está morrendo no castelo, toda tristonha.

– Muito simples, Majestade: alimento a minha mulher todos os dias com carne de língua.

O visitante pensou que tivesse ouvido errado: carne de língua! O morador da cabana repetiu:

– Alimento minha esposa diariamente com carne de língua.

A situação era de vida ou morte. O rei, mesmo achando aquilo meio estranho, agradeceu ao homem do campo e foi correndo de volta para o castelo. Chegando lá, mandou chamar imediatamente à sua presença o cozinheiro real:

– Cozinheiro, prepare já um imenso sopão com carne de língua de tudo o que é animal vivente na Terra.

– O quê?! Como assim, Vossa Majestade? – estranhou o chefe da cozinha real, com um ponto de interrogação no rosto.

– Você ouviu direito! Carne de língua de todos os animais do reino! Corra, porque a rainha não pode mais esperar. O cozinheiro foi chamar os caçadores do reino. Passadas algumas horas, ele tinha à sua frente línguas de cachorro, gato, rato, jacaré, elefante, tigre, girafa, lagartixa, tartaruga, vaca, ovelha, zebra, hipopótamo, sapo, coelho...

No meio da noite, a nova sopa já estava pronta no caldeirão. O próprio rei foi alimentar a rainha com carne de língua. Entrou no quarto e ficou espantado com a aparência dela. Sentou-se ao lado, pegou uma colher do sopão e a aproximou da boca de sua amada esposa. Com muito esforço, ela engoliu algumas colheradas daquela comida exótica.

O rei esperou, esperou e esperou, mas a rainha não melhorava – muito pelo contrário, parecia que a morte a levaria a qualquer momento. Cansado de esperar, ele se desesperou. Se não fizesse algo, sua mulher iria embora para sempre.

-Soldado! Soldado! – gritou.

Um homem enorme, com armadura e espada, entrou no quarto.

– Escute bem, soldado. A rainha tem que ser transferida imediatamente para a casa de um camponês. Lá você encontrará uma mulher gordinha e rosadinha; quero que a traga até aqui.

Então explicou ao soldado onde ficava a casa desse homem do campo. Essa era a última chance, ele imaginava, de a mulher sobreviver. Mas talvez o rei não tivesse entendido direito o que o camponês lhe dissera.

– Corre, corre, soldado! A vida da rainha depende disso!

O soldado pegou a rainha no colo e com a ajuda de outros homens saiu em disparada até a casa no campo. A troca foi feita e, assim que a camponesa entrou no castelo, adoeceu misteriosamente. Depois de três semanas, aquela mulher, que era gordinha e rosadinha, estava magra e triste. O rei, então, decidiu ver como estava a sua esposa.

Chegando na cabana, pôs o rosto na janela e... Não podia ser! A rainha estava gordinha, rosada e gargalhava como nunca se vira antes. À sua frente, o camponês não parava de mexer os lábios. O rei bateu à porta:

– Novamente por aqui, Majestade! O que deseja?

– Camponês, o que está acontecendo!? A sua esposa está morrendo no meu castelo e a minha está toda feliz e saudável aqui na nossa frente.

– Me diga, Majestade: o que fez?

– Fiz exatamente o que você mandou. Dei carne de língua de cachorro, gato, sapo, coelho, girafa... para a minha rainha e para sua esposa também. Mas, caro súdito, nada adiantou.

– Vossa Majestade não compreendeu o que eu disse – riu-se o homem do campo. – Eu alimentei a rainha e a minha esposa com carne de língua: as histórias contadas pela minha língua.

Sua Majestade meditou um pouco sobre aquelas palavras. Lembrou-se também dos lábios daquele homem se mexendo. Parecia que agora havia entendido. Chamou sua esposa de volta e mandou a camponesa de volta para sua casa. Assim que a rainha entrou no castelo, o rei prometeu que lhe daria todas as noites, antes de dormir, carne de língua.

A partir daquele dia, contam os quenianos, o rei contava uma história diferente todas as noites. Esse povo africano nos revelou que nunca mais a rainha ficou doente. Ensinarão-nos um segredo: As histórias fazem muito bem para as mulheres, homens, crianças, jovens, velhos – e até mesmo para os reis.

Conto Africano retirado do livro *As Narrativas Preferidas*

De Um Contador De Histórias, de Ilan Brenman

A Camisa do Homem Feliz

Um rei tinha um filho único e gostava dele como da luz dos próprios olhos. Mas o príncipe estava sempre descontente. Passava dias inteiros debruçado na sacada a olhar para longe. Mas o que lhe falta? - perguntava-lhe o rei. O que é que você tem? -Está apaixonado? Se quer uma moça

qualquer, diga-me e será sua esposa, seja ela a filha do rei mais poderoso da terra ou a mais pobre camponesa.

- Não, papai, não estou apaixonado.

E o rei tentava distraí-lo de todas as formas! Teatros, bailes, música, cantos; mas nada adiantava, e a cada dia desapareciam do rosto do príncipe as nuances do vermelho.

O rei publicou um edital, e de todas as partes do mundo vieram pessoas mais instruídas: filósofos, doutores e professores. Mostrou-lhes o príncipe e pediu conselhos. Eles se retiraram para pensar e voltaram à presença do rei.

- Majestade, pensamos, lemos as estrelas; eis o que deve fazer. Procure um homem que seja feliz, mas feliz em tudo, e troque a camisa de seu filho com a dele.

Naquele mesmo dia, o rei mandou os embaixadores mundo afora a fim de procurar o homem mais feliz.

Levaram-lhe um padre.

- O senhor é feliz? perguntou o rei.

-Sim, majestade!

-Muito bem. Ficaria contente em se tornar o meu bispo?

- Quem me dera, Majestade!

- Rua! Fora daqui! Procuo um homem feliz e contente com a sua condição; e não um que deseja estar melhor do que está.

E o rei ficou esperando outro. Havia um rei vizinho, disseram-lhe, que era feliz e contente de fato: tinha esposa bonita, um monte de filhos, vencera todos os inimigos na guerra e seu país estava em paz. Imediatamente, cheio de esperança, o rei mandou que os embaixadores fossem lhe pedir a camisa.

O rei vizinho recebeu os embaixadores e:

- Sim, sim, não me falta nada, porém é pena que quando a gente tem tantas coisas, tenha que morrer e deixar tudo! Com tal pensamento, sofro tanto que não durmo à noite!

E os embaixadores acharam melhor ir embora.

Para desafogar seu desespero, o rei foi caçar. Atirou em uma lebre e pensava havê-la atingido, mas a lebre, mancando, fugiu. O rei a perseguiu e afastou-se do séquito. No meio dos campos, ouviu um homem cantando uma cançoneta. O rei parou: "Quem canta assim, só pode ser feliz!", e seguindo o canto entrou numa vinha, vendo entre as fileiras, um jovem que cantava, podendo as videiras.

- Bom dia, Majestade - cumprimentou o jovem. Tão cedo e já pelos campos?

- Bendito seja você! Quer que o leve comigo para a capital? será meu amigo.

- Ai, ai, ai, majestade, não, não mesmo, obrigado. Não trocaria de lugar nem com o papa.

- Mas por que você, um rapaz tão forte...

- Eu lhe digo que não. Estou contente assim e basta. "Finalmente um homem feliz!" pensou o rei.

- Escute, jovem, deve me fazer um favor.
 - Se puder, de todo o coração, Majestade.
 - Espere um momento. e o rei, que não cabia mais em si de alegria, correu em busca de seu séquito: - Venham! Venham! Meu filho está salvo. E os conduz até o jovem. - Bendito jovem, diz, dar-lhe-ei tudo o que quiser! mas me dê, me dê...
 - O que, Majestade?
 - Meu filho está à beira da morte! Só você poderá salvá-lo. Venha aqui, espere!
- E o segura, começa a desabotoar-lhe o casaco. De repente, estaca. Tombam-lhe os braços. O homem feliz não tinha camisa.

De Fábulas Italianas – Italo Calvino

História do roubo do fogo

Contam que depois de soprar a vida sobre os ossos, quando os Paiter já estavam vivendo, Palob pensou o que poderia fazer com eles.

Ele pensou: — Meus filhos devem estar com frio. Farei alguém para buscar o fogo. Nesse momento Orowáhb, o pássaro, surgiu.

— Tudo bem, Amõ?1 – disse Orowáhb.

Contam que Palob então explicou: — Eu preciso de fogo para meus filhos e você pode pegar para mim.

— Sim! – respondeu Orowáhb.

— Você deve ir buscar o fogo. Você deve tomar o fogo das onças.

Contam que ele concordou e Palob propôs fazer o tratamento com ele. Fez com Orowáhb da mesma forma que havia feito com o veado, passou as plantas amargas em todo o seu corpo, até nos olhos e no ânus. Contam que então Palob o orientou assim: — Ao chegar lá, na casa das onças, você deve dizer a elas que está doente, com muita febre, porque está com saudades dos seus antepassados.

— Sim! – disse ele. Contam que assim Orowáhb fez. Chegou à casa das onças cabisbaixo. Contam que as onças vieram ao seu encontro com esturros – Ri, ri, ri! – e então ele disse.

— Estou aqui, andando entre vocês, porque não estou bem. Contam que as onças o colocaram sentado na beira da fogueira, dizendo para ele:

— Sente-se aqui na beira do fogo.

— Estou com saudades dos meus pais, dos meus antepassados, e isso está me deixando com febre. 70 Contam que as onças, ouvindo o que ele dizia, falavam assim:

— Deixe-nos comer você.

— Você está queimando sua pena, amigo! – diziam para ele. Foi quando a pena de eu rabo pegou fogo de verdade, antes que as onças percebessem. Quando sua pena pegou fogo, ele saiu voando. Contam que ele pousou primeiro no noah papi, o urucum do rio. Depois, contam que ele

pousou no aber, na árvore do Breu e pousou no toubaray. E então ele chegou até Palob. Contam que ele se apresentou, entregando o fogo.

— Você fez muito bem! Era isso que eu estava querendo! – Palob disse para Orowáhb. Foi assim que viemos a ter o fogo, assim contam as pessoas. Assim Palob tomou o fogo das onças para os seus filhos, fortalecendo seus filhos. E assim distribuiu o fogo. Por isso o urucum tem fogo, aber tem fogo e também o toubaray. 71 Contam que as onças foram embora porque não tinham mais o fogo. Depois disso Palob também fez muitas outras coisas para o futuro dos seus filhos.

Amõ, na língua Paiter Suruí, pode ser usado com o significado de avô ou tio, quando o homem é casado com a irmã da mãe, e também como tratamento de respeito a pessoas mais velhas. Não, não sirvo para ser comida. Podem me lambar aqui para sentir. Assim faziam as onças, lambiam o Orowáhb.

— Nossa! O que aconteceu com você? Que desperdício!

— Não sei – dizia ele.

— Será que pelo menos o seu olho podemos comer? – diziam para ele.

— Será que o seu cérebro podemos comer? — Não, eu sou todo amargo assim mesmo – dizia para as onças. Contam que foi assim que o Orowáhb, que estava com as penas grandes, colocou a pena no fogo. Foi quando alguém disse para ele:

— Amigo, você está queimando, sua pena está queimando! Quando a onça falava, Orowáhb tirava a pena dele do fogo. Contam que logo em seguida ele fazia novamente, colocava a pena de novo no fogo.

Conto tradicional do povo Paiter Suru

O cabloco, o padre e o estudante.

Um estudante e um padre viajavam pelo sertão, tendo como bagageiro um cabloco. Deram-lhe numa casa um pequeno queijo de cabra. Não sabendo dividi-lo, mesmo porque chegaria um pequenino pedaço para cada um, o padre resolveu que todos dormissem e o queijo seria daquele que tivesse, durante a noite, o sonho mais bonito, pensando engabelar todos com os seus recursos oratórios. Todos aceitaram e foram dormir. À noite, o cabloco acordou, foi ao queijo e comeu-o.

Pela manhã, os três sentaram à mesa para tomar café e cada qual teve de contar o seu sonho. O frade disse ter sonhado com a escada de Jacob e descreveu-a brilhantemente. Por ela, ele subia triunfalmente para o céu. O estudante, então, narrou que sonhara já dentro do céu à espera do padre que subia. O cabloco sorriu e falou:

Eu sonhei que via seu padre subindo a escada e seu doutor lá dentro do céu, rodeado de amigos. Eu ficava na terra e gritava:

- Seu doutor, seu padre, o queijo! Vosmincês esqueceram o queijo. Então, Vosmincês respondiam de longe, do céu:

- Come o queijo, cabloco! Come o queijo, cabloco! Nós estamos do céu, não queremos queijo.

O sonho foi tão forte que eu pensei que era verdade, levantei-me enquanto vosmincês dormiam

e comi o queijo...

CASCUDO, Luís da Câmara. Contos tradicionais do Brasil. Belo Horizonte/São

Paulo, Itatiaia/Edusp. 1986. p. 213.

O mandarim e o alfaiate

Um homem que tinha se esforçado muito por um cargo veio a consegui-lo. Seria nomeado mandarim. Enfrentara grande concorrência, mas tinha conquistado o que queria. Quase não se contendo de felicidade foi procurar um amigo e lhe disse:

- Agora que serei mandarim, preciso de roupas novas, de acordo com minha condição. O amigo, solícito, estendeu-lhe um papel:

- Pois conheço o alfaiate certo para você. Aqui está o endereço.

O novo mandarim foi imediatamente à loja do alfaiate, que lhe tirou todas as medidas com cuidado. Isso feito, disse-lhe:

- Há ainda uma informação de que necessito. Há quanto tempo o senhor é mandarim?

- Ora, mas que pergunta sem propósito. O que isso tem a ver com a feitura de um manto?

- Sem essa informação não posso fazer o manto, porque um mandarim recém-nomeado fica tão deslumbrado com sua nova condição que mantém a cabeça altiva, ergue o nariz e estufa o peito. Assim sendo, tenho de fazer a parte da frente maior do que a de trás. Depois de alguns anos, com tanto trabalho que terá de executar, com as dificuldades que terá de vencer, ele se torna mais experiente e olha adiante para ver o que vem em sua direção e o que deve fazer a seguir. Então, eu costuro o manto de forma que a parte da frente e a de trás tenham o mesmo comprimento. Mais tarde, pelo esforço do seu trabalho, pelo empenho do dia-a-dia, sem falar na humildade adquirida com os aprendizados, faço o manto de forma que as costas fiquem mais largas que a frente, pois seu corpo certamente terá mudado. Por tudo isso, tenho de saber há quanto tempo o senhor está no cargo.

O novo mandarim saiu da loja pensando menos no manto e mais no motivo que levara o amigo a mandá-lo procurar justamente aquele alfaiate.

História retirada do livro "O ofício do contador de histórias" de Gislayne Avelar Matos e Inno Sorsy

O peixe e o anel

Era uma vez um poderoso senhor de terras que possuía poderes mágicos e sabia tudo sobre o futuro. Tinha um filho pequeno a quem devotava um grande amor. Quando seu filho fez quatro anos, foi consultado o Livro do Destino. Nele estava escrito: seu filho vai se casar com uma jovem muito pobre que acaba de nascer. O poderoso senhor descobriu que uma menina acabara de nascer e seus pais eram paupérrimos e já tinham cinco filhos. Montou seu cavalo e foi até ao casebre onde

moravam. Passou pela casa e viu um homem sentado junto à porta triste e abatido. Aproximou-se e disse:

- Qual é o problema, meu bom homem?

Com uma grande tristeza no olhar o homem respondeu:

- Ando muito triste! Já tenho cinco filhos e agora com a chegada de mais uma criança, uma menina, não sei como vou alimentar a todos eles.

O poderoso senhor disse-lhe de imediato:

- Não se aflija! Posso ajudá-lo. Levarei a menina. Cuidarei bem dela!

O homem agradeceu comovido e entrando em casa pegou a menina e deixou-a nas mãos daquele poderoso senhor que prometeu ampará-la por toda a vida. Mas o que ocorreu foi muito diferente. Pelo primeiro rio em que passou, aquele homem jogou a pobre criança dentro da água e continuou seu caminho como se nada houvesse feito ou falado. Por sorte a criança não afundou. Suas roupas a fizeram boiar. E assim foi jogada na praia perto da casa de um pescador.

Quinze anos se passaram e aquela criança tornou-se uma bela jovem. Um dia, o poderoso senhor saiu para caçar com muitos amigos. Passando próximo à choupana do pescador, pediu um pouco de água para beber. Todos notaram a beleza da jovem. E um dos acompanhantes do poderoso senhor perguntou-lhe:

- Poderia adivinhar o futuro desta jovem?

- Será fácil saber. Casará com certeza, com algum miserável seu vizinho! Mas olharei o seu futuro, sim. Menina, em que dia nasceu?

- Não sei! Disse a jovem. Eu cheguei pelo rio há uns quinze anos.

O poderoso senhor soube, de imediato, quem ela era. E sem que ninguém notasse, disse à jovem:

- Vou ajudá-la. Mas preciso que leve uma carta ao meu irmão que se encontra longe daqui.

Com esta recomendação, você ficará amparada pelo resto de sua vida.

Na verdade, o poderoso senhor havia escrito o seguinte:

"Querido, irmão pegue a portadora desta carta e mate-a imediatamente".

A jovem saiu, andou por todo o dia e à noite pediu pousada em uma estalagem. Mas, naquela mesma noite, a estalagem foi assaltada. Um dos ladrões revistou a jovem, que não tinha dinheiro, levava somente uma carta. Eles a abriram e leram-na. Mesmo sendo ladrões, tinham uma linha de conduta. Não acreditaram na maldade daquele poderoso senhor. Resolveram ajudar aquela jovem e cuidadosamente, escreveram um novo bilhete que assim dizia:

"Querido irmão, pegue a portadora desta carta e case-a com meu filho, imediatamente".

A jovem seguiu seu caminho. Chegando a seu destino entregou a carta. Imediatamente as ordens do poderoso senhor foram cumpridas. O irmão ordenou que o casamento fosse preparado e os jovens se casaram naquele dia. Tempos depois o poderoso senhor chegou e viu que sua armadilha não havia dado certo. Mas ele não desistiu do seu intento. Uma manhã, levou a jovem para fazer um longo passeio próximo aos penhascos. Tentou empurrá-la, mas ela implorou pela sua

vida, dizendo que tudo faria para não ser morta! Prometeu nunca mais ver seu marido. Mas o poderoso senhor, não satisfeito com a promessa, pensou logo em um plano definitivo. Tirou seu anel de ouro do dedo e o jogou ao mar, dizendo-lhe que só aparecesse diante dele quando tivesse aquele anel.

A pobre jovem, sem saber o motivo daquele ódio, saiu andando sem rumo. Caminhou e caminhou, até chegar a um castelo. Procurava por emprego. Lá precisavam de uma ajudante de cozinha. Ela tinha prática, pois cozinhara em sua casa para o pai, o pescador. O proprietário daquele castelo, naquele dia, receberia visitas importantes. A jovem, lá dentro da cozinha, viu chegar o poderoso senhor e seu filho. Ela ficou tranquila, pois não sairia daquela cozinha. E o poderoso senhor não poderia atingi-la. O jantar daquele dia seria peixe de várias qualidades usando receitas as mais diferentes. Ela estava feliz, sabia inúmeras receitas. Enquanto limpava um dos peixes viu algo que brilhava intensamente. Era um anel. Inacreditável. Era o anel que o poderoso senhor havia jogado do alto do penhasco. "Ah, como o mundo dá voltas, pensou a jovem". O peixe foi preparado com esmero. E os hóspedes adoraram aquele sabor diferente e perguntaram quem o havia preparado. O nobre dono do castelo mandou chamar o encarregado da cozinha, que informou ser obra da jovem ajudante. A jovem foi chamada à presença de seu patrão. Ela deixou seus afazeres, mas lembrou-se de colocar o anel de ouro em seu dedo. Todos estranharam. Uma cozinheira tão competente e jovem. Quando o poderoso senhor a viu, seu ímpeto foi eliminá-la. Ela dirigiu-se a ele com o braço esticado, mostrando-lhe o dedo onde estava o anel. E foi neste momento que o poderoso senhor percebeu que não se consegue lutar contra o destino.

História retirada do livro "O ofício do contador de histórias" de
Gislayne Avelar Matos e Inno Sorsy

O Pescador o anel e o Rei

Era uma vez um velho pescador que vivia cantando:

"Viva Deus e ninguém mais Quando Deus não quer ninguém nada faz".

Mesmo quando sua pesca não era boa, ele cantava com muita fé e alegria a sua cantiga. "Viva Deus e ninguém mais

Quando Deus não quer ninguém nada faz".

Um dia, o rei daquele lugar soube da existência do pescador e quis que ele fosse à sua presença, por não admitir que Deus podia mais que tudo no mundo... Esse rei era tão poderoso e orgulhoso, que achava que podia até mais que o próprio Deus!

E lá foi o pescador, subindo as escadas de tapete vermelho do palácio, cantando: "Viva Deus e ninguém mais Quando Deus não quer ninguém nada faz".

Diante do rei, o pescador não mostrou medo algum, e ainda reafirmou sua fé, cantando a mesma cantiga.

Então o rei disse:

- Vamos ver se Deus pode mais que eu, pescador! Eis aqui o meu anel. Vou entregá-lo aos seus cuidados! Se dentro de 15 dias você me devolver o anel, intacto, você ganhará um enorme tesouro, e não precisará mais trabalhar para viver. Porém, se no 15º dia você não voltar com o anel, mando cortar a sua cabeça! Agora vá embora...

O pescador foi embora e na volta pra casa, cantava:

"Viva Deus e ninguém mais Quando Deus não quer ninguém nada faz".

Quando chegou em casa entregou o anel para a mulher que prometeu guardá-lo a sete chaves. Deixei estar que isso não passava de um plano do rei, que logo mandou um criado disfarçado de mercador, bater na casa do pescador, quando este já havia saído para pescar.

- Ó de casa!

A velha senhora abriu a porta.

- Minha senhora, sou mercador. Vendo e compro anéis. A senhora não teria aí pelas gavetas um anelinho para me vender? Pago bem!

E mostrou muito dinheiro.

- Não tenho não senhor. Aqui é casa de pobre. Não tem anel nenhum não. Mas a velha ficou surpresa com tanto que o homem mostrava.

Acabou caindo na tentação, e vendeu o anel!

No fim do dia, o pescador voltou pra casa cantando: "Viva Deus e ninguém mais Quando Deus não quer ninguém nada faz".

Quando chegou em casa, soube do que havia acontecido e ficou desesperado.

- Mulher! Você não vendeu o anel não; você vendeu minha cabeça!

E foram correndo procurar o mercador pela floresta, pela estrada, pela praia, pela aldeia e nada...

Claro! A essa altura, o criado disfarçado de mercador já estava longe, e havia jogado o anel em alto mar, a mando do rei, para que nunca mais ninguém pudesse encontrá-lo.

E o tempo foi passando... Décimo dia...

O pescador, triste continuava cantando: (mais lento)

"Viva Deus e ninguém mais Quando Deus não quer ninguém nada faz".

Décimo primeiro dia...

E o pescador cantando e pescando... (ainda mais lento)

"Viva Deus e ninguém mais Quando Deus não quer ninguém nada faz"

Até que no penúltimo dia, o pescador chamou a mulher e disse:

- Mulher, eu vou morrer... Amanhã, minha cabeça vai rolar. Vamos nos despedir, com uma última refeição. Farei uma boa pescaria. E lá foi o pescador, tristemente, cantando sem parar sua cantiga. (muito triste).

"Viva Deus e ninguém mais Quando Deus não quer ninguém nada faz".

Pescou 50 peixes, 49 ele vendeu no mercado, e 1 levou para mulher preparar.

Ela caprichou no tempero e fez no fogão de lenha, aquele peixe que seria sua última ceia junto com o marido depois de tantos anos. Mastiga daqui, chora dali, pensa de lá, e de repente... A mulher se engasgou.

- O que é isso?

A mulher cuspiu o anel.

- Eu não disse que Deus pode mais que todo o mundo? O pescador então cantou bem contente:

"Viva Deus e ninguém mais Quando Deus não quer ninguém nada faz".

O pescador limpou o anel, e correu em direção ao palácio. Subiu a escadas de tapete vermelho cantando, fez uma reverência para rei, que perguntou todo poderoso:

- E então, pescador? Aonde está o meu anel? E o pescador, vitorioso:

- Está aqui, meu rei!

O rei ficou boquiaberto! Não conseguia acreditar...Teve de entregar o tesouro para o pescador. E até o rei teve que cantar:

"Viva Deus e ninguém mais Quando Deus não quer ninguém nada faz".

Conto recolhido por Câmara Cascudo Recontado por Bia Bedran

O rei e o eremita

Um rei, velho e bom, estava morrendo. Ele tinha sido um homem gentil e um justo administrador. Não admira que todo o reino estivesse mergulhado em tristeza profunda com as notícias da séria doença do rei.

Seu único desejo era encontrar um eremita que vivia na floresta. Quando crianças foram companheiros e receberam ensinamentos de um mesmo guru.

O eremita foi chamado e veio o mais rápido possível.

- Amigo, disse o rei – sei que todos nós nascemos e morremos. Não estou triste de minha hora ter chegado.

- Meu rei, eu sei que foi sábio e seguiu as leis. Viveu uma vida muito honrada. Trabalhou em benefício do seu povo. Somente Deus é que determina a sua hora, disse o eremita.

Mas o rei estava preocupado, não tinha quem o sucedesse. Pensou nos seus três sobrinhos. Um deles poderia substituí-lo. Mas, qual deles escolher?

O eremita ouviu as palavras do rei e começou a meditar. Meditou, meditou e logo estava pronto para dar sua opinião. O rei chamou seus sobrinhos. E o eremita se dirigindo a eles perguntou:

- Qual de vocês pode encher este quarto com alguma coisa em apenas dois minutos?

O primeiro respondeu:

- Eu posso encher este quarto, sozinho, em uma hora, com qualquer material.

O segundo respondeu:

– Eu posso encher este quarto, com muitos galhos, em meia hora, desde que vocês dois saiam primeiro.

E foi exatamente aí que o terceiro sobrinho entrou pelo quarto adentro. Trazia uma lamparina acesa. E o quarto ficou completamente cheio de luz.

Neste exato momento o rei sentiu em seu coração: ali estava o seu substituto. O Rei e o eremita riram de alegria e satisfação.

Do Caderno de Contos para as fases da vida. Projeto Convivendo com Arte.
Belo Horizonte, 2004. (Histórias da Índia Antiga)

O Tesouro do Baobá (conto africano)

Num dia de grande calor, um lebrão parou à sombra de um baobá, sentou-se na erva e sentiu-se infinitamente bem.

«Baobá», pensou ele, «como é leve e fresca a tua sombra ao braseiro do meio-dia!» Levantou o focinho para os ramos poderosos. As folhas estremeceram, felizes, devido aos pensamentos simpáticos que se lhes dirigiam. O lebrão riu-se, vendo as folhas contentes. Ficou calado por uns instantes e depois disse:

– A tua sombra é boa, é claro, seguramente melhor do que o teu fruto.

O baobá, despeitado de ouvir assim duvidar dos seus sabores depois do elogio que lhe abrira a alma, entrou no jogo. Deixou cair o fruto num tufo de erva. O lebrão farejou-o, provou-o, achou-o delicioso. Depois devorou-o, lambeu o focinho e balançou a cabeça. A grande árvore, impaciente por ouvir o seu veredicto, susteve a respiração.

– O teu fruto é bom — admitiu o lebrão. Depois sorriu, retomou a alegria impertinente e acrescentou:

– Seguramente é melhor do que o teu coração. Perdoa-me a franqueza: o coração que bate em ti parece-me mais duro do que uma pedra.

O baobá, ouvindo estas palavras, sentiu-se invadido por uma emoção que jamais experimentara. Oferecer a este pequeno ser as suas belezas mais secretas, Deus do céu, era seu desejo, mas, assim de repente, que medo tinha de descobri-las!

Lentamente entreabriu a casca. Então apareceram colares de pérolas, panos bordados, sandálias finas, jóias de ouro. Todas estas maravilhas que enchem o coração do baobá escorreram em profusão diante do lebrão, cujo focinho tremeu e cujos olhos se arregalaram.

– Obrigado, obrigado. És a melhor e a mais bela árvore do mundo — disse ele, rindo como uma criança satisfeita e apanhando febrilmente o magnífico tesouro.

Voltou a casa com as costas dobradas por todos esses bens. A mulher acolheu-o, pulando de

alegria. Aliviou-o de depressa de tão belo fardo, vestiu panos e sandálias, ornou o pescoço de jóias e saiu para o mato, impaciente de ser admirada pelas companheiras.

A hiena vendo todas aquelas riquezas foi imediatamente à toca do lebrão e perguntou-lhe onde tinha encontrado aquelas joias com que se vestia a esposa. E o lebrão contou-lhe o que tinha dito e feito à sombra do baobá.

A hiena correu para lá com os olhos cheios de inveja. Jogou o mesmo jogo. O baobá, que a alegria do lebrão tinha verdadeiramente rejubilado, de novo se agradou de dar a sua sombra, pois a música da sua folhagem e o sabor do seu fruto, finalmente a beleza do seu coração.

Mas, quando a casca se abriu, a hiena atirou-se às maravilhosas oferendas como sobre uma presa e, escavando com unhas e dentes as profundezas da velha árvore para dela ainda arrancar mais coisas, pôs-se a resmungar:

— E nas tuas entranhas o que há? Também quero devorar as tuas entranhas! Quero tudo o que tens até às tuas raízes! Quero tudo, ouves?

O baobá, ferido, dilacerado, tomado de medo, guardou os seus tesouros, e a hiena, insatisfeita e furiosa, voltou de mãos vazias para a floresta. Desde esse dia que procura desesperadamente oferendas ilusórias nos animais mortos que encontra, sem nunca ouvir a brisa singela que acalma o espírito. Quanto ao baobá, já não abre a ninguém o seu coração. Tem medo. É preciso compreendê-lo: o mal que lhe fizeram é invisível, mas incurável.

Em verdade, o coração dos homens é semelhante ao desta árvore prodigiosa: cheio de riquezas e benefícios. Porque se abrirá tão pouco, quando se abre? De que hiena se lembrará?

Orunmilá entrega o Ifã aos seres humanos

Orunmilá tinha oito filhos. Um dia, em virtude da realização de um importante ritual, Orunmilá reuniu toda a sua prole. Sete dos seus filhos lhe renderam homenagens, ofereceram-lhe sacrifícios e prostraram-se aos seus pés. Um deles, porém, desrespeitou o pai. Orunmilá, indignado, abandonou o Ayê e foi para o Orum. A desgraça abateu-se sobre a terra. A chuva não vinha, os animais não procriavam e as plantas não cresciam. A terra sofria com a ausência de Orunmilá.

Os filhos de Orunmilá resolveram ir ao Orum procurar o pai e clamar pela sua volta. Não adiantou. Orunmilá não viria mais ao Ayê. Com pena dos filhos, entretanto, Orunmilá os entregou dezesseis nozes de dendê e disse: Esses dezesseis caroços de dendê devem ser consultados toda a vez que os homens desejarem falar comigo. Por meio deles eu indicarei, sempre que preciso, os sacrifícios necessários para que todos os problemas sejam resolvidos. Por meio deles eu revelarei os destinos de todos os homens e como eles devem proceder para ter a vida longa e a boa reputação. Quando tiverem problemas, consultem os caroços - eles são a palavra de Ifá.

Os dois alfaiates

Num bairro pobre de Londres, dois pequenos alfaiates judeus trabalhavam um na frente do outro desde o fim da Segunda Guerra. Eles cortavam e costuravam incansavelmente, falando de tempos em tempo, de uma coisa ou outra.

Um deles disse ao outro:

- Vai tirar férias este ano?
- Não – disse o segundo-, depois de um momento de reflexão.

Eles voltaram a fazer silêncio. Mais tarde, o segundo Alfaiate disse, de repente:

- Eu tirei férias em 1964.
- Você tirou férias em 1964? - perguntou o primeiro, muito espantado.
- Sim.
- O primeiro alfaiate, que não guardava nenhuma lembrança da ausência do companheiro, lhe

disse então:

- E você saiu de férias para onde?
- Fui à Índia.
- Índia?
- Sim. Fui caçar o tigre de Bengala.
- Você foi caçar o tigre de Bengala? Você?

os dois homens tinham parado de trabalhar e agora se olhavam. O segundo alfaiate, que parecia perfeitamente calmo, tomou novamente a palavra para contar o seguinte:

Parti ao amanhecer, montado no elefante magnífico que um grande príncipe tinha me emprestado. Armado de quatro fuzis com coronhas de prata, e acompanhado de todo um séquito de batedores, aventurei-me por uma montanha despovoadas. De repente, um enorme tigre pôs-se a rugir diante de mim a montaria, o maior tigre já visto nessa região de Bengala. Aterrorizado, meu elefante recuou, eu caí sobre os arbustos cheios de espinhos, o tigre caiu em cima de mim e me devorou.

- Ele devorou você? - perguntou o primeiro alfaiate, que havia escutado tudo estupefato. Ele me devorou completamente, até o último pedaço da minha carne.

- Mas, afinal, o que você está me contando? Nenhum tigre comeu você! Você ainda está vivo!

Então o segundo alfaiate pegou novamente o fio, apanhou a agulha e disse ao primeiro:

- Você chama isso de vida?

Os três velhos

Era uma vez uma mulher que saiu de casa e deparou-se com três velhos de barbas compridas até os pés, sentados bem diante do seu jardim.

Ela nem os conhecia, mas disse assim:

_ Vocês devem estar com fome. Não querem entrar e comer alguma coisa ou mesmo tomar um copo d'água?

Desconfiados eles perguntaram:

_ Você está sozinha em casa? E ela respondeu:

_ Sim.

_ Então – eles disseram – nós não podemos entrar

Ao entardecer o marido da mulher chegou. Ela contou pra ele o que aconteceu e ele disse:

_ Mulher vai lá chame-os novamente para comer conosco. Diga que eu faço questão. A mulher convidou e um dos velhos olhou para seu companheiro e disse:

_ Ele se chama riqueza, esse meu outro companheiro se chama felicidade e eu me chamo amor. Agora você vá e junto com o seu marido decidam qual de nós três entrará.

A mulher entrou, conversou com o marido e ele, muito animado falou:

- Vamos convidar a riqueza, porque assim, a partir de hoje muitos bens vão entrar em nossa casa!

- A mulher não concordou e disse:

_ Meu desejo é que a felicidade entre em nossa casa!

E um ficou tentando convencer o outro até que a filha, ouvindo a conversa, interrompeu os dois e disse:

_ Mãe, pai... Não é melhor que o amor entre em nossa casa? Os dois se olharam e decidiram convidar o amor para entrar.

O amor foi assim dirigindo-se à porta de entrada, mas de repente os outros dois velhos também o seguiram para espanto da mulher e do marido, que perguntaram:

_ Mas não era só um de vocês que poderia entrar? Os três responderam:

_ Se você tivesse escolhido a riqueza ou a felicidade só um de nós entraria, mas você escolheu o amor e onde entra o amor entram também a riqueza e a felicidade.

Porque o Sol e a Lua vivem no céu

Tempos atrás, o Sol, a Lua e a Água viviam na terra e eram grandes amigos. O Sol e Lua visitavam a Água frequentemente, mas a Água nunca retornava as visitar.

Um dia, o Sol perguntou à Água por que ela nunca os visitava. A Água respondeu que a casa do

Sol e da Lua não era grande o suficiente e, se todo o povo da água fosse visitá-los, acabaria por tirá-los de lá.

Disse aos amigos:

- Se vocês querem a minha visita, devem construir um enorme cômodo mas, aviso, deve ser muito, muito grande, pois meu povo é muito numeroso e precisa de muitas acomodações.

O Sol prometeu construir um enorme cercado e no dia seguinte, começou a construção de um grande cercado, no qual receberiam a amiga. Ao final da construção, convidaram a Água e todo o seu povo para visitá-los.

Quando a Água chegou, chamou amigos e perguntou se estava seguro para sua entrada. O Sol respondeu:

_ Sim minha amiga, entre.

A Água, então, começou a fluir, acompanhada pelos peixes e todos os animais aquáticos... Logo, a Água estava na altura dos joelhos. Perguntou aos amigos se permanecia seguro e o ele responderam mais uma vez:

_ Sim!

Então, mais água entrou... Quando estava na altura do topo da cabeça de um homem, ela tornou a perguntar aos amigos::

- Vocês querem a visita de mais do meu povo?

O Sol e a Lua responderam:

- Sim!

Então a Água entrou, enquanto o Sol e a Lua tiveram que subir no topo do telhado. Mais uma vez a Água consultou o Sol e a Lua e recebeu a mesma resposta... e mais do seu povo entrou enchendo até o topo do telhado.

O Sol e a Lua foram forçados a subir até o céu, onde permanecem até hoje.

Conto de origem africana

Três cabelos de ouro

“Uma vez, numa noite escuríssima e trevosa, o tipo de noite em que a terra fica negra, as árvores parecem mãos retorcidas e o céu é de um azul-escuro de meia-noite, um velho vinha cambaleando pela floresta, meio às cegas devido aos galhos das árvores. Os ramos arranhavam seu rosto, e ele trazia um pequeno lampião numa das mãos. A vela dentro do lampião tinha uma chama cada vez mais baixa. O homem tinha os cabelos amarelos e compridos, dentes amarelos e rachados e unhas amarelas e recurvas. Ele andava todo dobrado, e suas costas eram arredondadas como um saco de farinha. Sua pele era tão vincada que caía em filhos do seu queixo, das axilas e dos quadris.

Ele se apoiava numa árvore e se esforçava para avançar; depois se agarrava numa outra para avançar mais um pouco. E assim, remando desse jeito e respirando com dificuldade ele ia atravessando a floresta. Cada osso nos seus pés ardia como fogo. As corujas nas árvores piavam

acompanhando o gemido das suas articulações à medida que ele seguia pelas trevas.

Muito ao longe, tremeluzia uma luzinha, um chalé, um fogo, um lar, um local de descanso; e ele se esforçava na direção daquela luz. No exato instante em que chegou à porta, ele estava tão cansado, tão exausto, que a pequena chama no seu lampião se apagou e o velho caiu porta adentro desmaiado.

Dentro da casa, uma velha estava sentada diante de uma bela fogueira e ela se apressou a chegar até ele, segurou-o nos braços e o levou mais para perto do fogo. Ela o abraçou como' uma mãe abraça o filho. Ela se sentou na cadeira de balanço e o embalou. E ali ficaram os dois, o pobre e frágil velhinho, apenas um saco de ossos, e a velha forte que o embalava.

— Pronto, pronto. Calma, calma. Pronto, pronto.

Ela o embalou a noite inteira e, quando ainda não havia amanhecido mas estava quase chegando a hora, ele estava extremamente remoçado. Ele era agora um belo rapaz, de cabelos dourados e membros longos e fortes. Mas ela continuava a embalá-lo.

— Pronto pronto. Calma, calma. Pronto, pronto.

E quando a manhã foi se aproximando cada vez mais, o rapaz foi se transformando numa linda criancinha com cabelos dourados trançados como palha de milho.

No momento exato do raiar do dia, a velha arrancou bem rápido três fios da linda cabeça da criança e os jogou nos ladrilhos. Eles fizeram um barulhinho.

Tiiiiing! Tiiiiing! Tiiiiing!

E a criancinha nos seus braços desceu do seu colo e saiu correndo para a porta. Voltando o rosto por um instante para a velha, o menino deu um sorriso deslumbrante, virou-se e saiu voando para o céu para se tornar o brilhante sol da manhã.

Versão do conto como apresentada no livro *Mulheres que correm com os lobos*, de Clarissa Pinkola Estés, Ed. Rocco, 2014.

A origem da vitória-régia ou murumuru

Yaçanã era uma moça muito bonita. Sua beleza era admirada em toda aldeia onde morava, e todos os rapazes queriam namorá-la. Para ganhar o coração da moça, alguns não saíam da porta de sua maloca (grade cabana em que famílias habitavam). Tentavam chegar se à família, conversando com o pai da moça sobre guerras e aventuras ou ajudando seus irmão na caça. E, quando capturavam algum animal, faziam questão de levá-lo para Yaçanã.

Assim, Yaçanã poderia ter tudo o que desejasse, pois seus pretendentes lhe dariam tudo o que ela pedisse. Só que ela não fazia questão de nada. Apesar de muitos daqueles jovens serem bonitos e grandes guerreiros, ela tinha uma paixão impossível, um segredo que só sua amiga, Tainã'e conhecia.

Ao cair da noite, quando se ouvia na mata o canto melancólico do inambu (ave robusta, de pernas grossas e cauda pequena ou inexistente), Yaçana chamava Tainã'e e as duas iam até o lago.

Distanciando-se um pouco da amiga, Yaçanã descia a ribanceira, sentava-se na margem e contemplava a lua. Ela imaginava que a lua fosse um guerreiro celestial que todas as noites descesse para se banhar naquele lago. E era esse guerreiro que a moça desejava. A lua era o grande amor da sua vida. Para ela, aquele ser lindo, brilhante, tão cheio, era um grande pote de mel que se derramava no infinito. Mas seu namoro era feito apenas de desejo e vontade, pois na verdade nunca tinha sido amante da lua. Olhando o reflexo daquele brilho na água, ela pensava:

- Por que será que ele não me toma em seus braços? Por que não dorme comigo, se já sou moça e todas as noites o vejo tomar banho?

E todas as noites era a mesma coisa. Yaçanã passava horas olhando para o reflexo da lua. Depois voltava para casa e ia dormir inconformada por viver longe de seu amado. Certa vez chegou a gritar:

- Lua, meu grande guerreiro, por que não me leva para viver com você? Mas só ouviu o choramingar do bacurau (pequeno pássaro cinzento). A lua não disse nada, e aquele silêncio foi para a moça uma resposta insuportável.

Depois de algum tempo, tão angustiada com aquela espera, Yaçanã deixou até de sair de casa. Suas amigas iam procurá-la, mas ela as evitava. E evitava mais ainda seus pretendentes. Quanto mais todos a procuravam, mais a moça ficava doente de amor pela lua.

Certo dia, ao escurecer, Yaçanã olhou para o céu à procura de seu amor e viu que era noite de lua cheia. Ela entrou em casa apressada, pôs seu melhor colar, embelezou o rosto.

Com tinta uruku (de urucum) e vestiu seu akãnitá (chapéu) de pena arara-vermelha. Depois, sem avisar ninguém, nem mesmo a amiga que sempre a acompanhava, saiu pela porta dos fundos e rumou para o lago. Chegando lá, desceu a ribanceira e, ao ver aquele reflexo perfeito da lua cheia, não resistiu. Caiu na água tentando alcançá-lo e, em seu desespero, acabou se afogando. Mas, antes de morrer, a moça olhou pela última vez para o céu de sua aldeia e ainda teve tempo de pedir à lua cheia que a levasse para perto dela.

Lá do alto, a lua assistiu àquela grande demonstração de amor sem poder fazer nada, pois não era o grande guerreiro que Yaçanã imaginava. Sentindo pena daquela moça linda, resolveu fazer de seu corpo alguma coisa que vivesse no lago para sempre, junto do reflexo de seu brilho. Transformou-a então na vitória-régia, flor do amor e da paixão que vemos flutuando nos lagos.

A origem do Rio Solimões

Há muitos anos a Lua era noiva do Sol, que com ela queria se casar, se isso acontecesse, se chegassem a se casar, destruir se ia o mundo. O amor ardente do Sol queimaria o mundo, e a Lua com as suas lágrimas inundaria toda a Terra. Por isso não puderam se casar. A Lua apagaria o fogo; o Sol evaporaria a água.

Separaram-se, então a Lua para um lado e o Sol para o outro. Separaram-se. A Lua chorou todo dia e toda noite, foi então que as lágrimas correram por cima da Terra até o mar. O mar embraveceu e por isso não pode a Lua misturar as lágrimas com as águas do mar, que meio ano corre para cima,

meio ano para baixo.

Foram as lágrimas da Lua que deram origem ao nosso Rio Amazonas.

Lenda retirada do livro: **Literatura Oral para a infância e juventude – Lendas**, contos e fábulas populares no Brasil - de Henriqueta Lisboa

Biu: O surgimento da chuva

Vou contar uma história. A história do surgimento da chuva. Esta mesma chuva de hoje, que chove sobre a terra.

Há muito tempo, dizem que a língua era única. Não sei quando mudou... As árvores falavam a mesma língua. Os peixes e os animais também falavam. E falavam até com as pessoas.

Mas agora eu vou contar sobre a chuva.

O povo antigo saiu para caçar. Dizem que foram caçar animais na mata. Caçar caititus. E entraram na mata. Logo encontraram uma manada de caititus. Correram atrás deles; foram correndo, correndo, correndo... e então os caititus entraram no buraco. Eles gostam de se esconder, de ficar no buraco.

– Olhem! Eles entraram aqui! Agora nós vamos cavar o buraco – disseram os caçadores.

E foram cavando, cavando, cavando até encontrar um caititu. Acharam um e mataram. E foram tirando e matando, tirando e matando, tirando do buraco e matando os caititus. E foram assim, matando, matando e juntando muita caça.

Logo a cor dos caititus começou a mudar. Tiraram um e a cor ficou vermelha. E outro, a cor mudou para preto; e outro, pintado; e outro, branco... Cada um com uma cor diferente. Foi o dono da caça! Ele não gostou e reagiu fazendo mudar a cor dos animais para que os caçadores parassem.

– Olhem! Por que os caititus estão saindo com cores diferentes? – um dos caçadores perguntou.

– É mesmo! – disse outro.

Mesmo assim foram cavando, cavando o buraco e por último o encontraram: ele, a Chuva. Ele que se chama Biu.

– Olhem! Tem alguém aqui! Vamos tirá-lo.

E assim fizeram.

– Quem é você? – perguntaram os homens.

– Sou eu, Biu, a Chuva!

– É ele! É a Chuva! – disseram admirados.

– Nós vamos levar o senhor conosco.

– Sim. Podem me levar.

Dizem que ele era pançudo e feio, de olhos bem grandes, esbugalhados. E com as pernas fininhas, fininhas... Era a Chuva.

E assim foi! Levaram Biu para a aldeia. Quando chegaram lá, a aldeia inteira ficou sabendo. O povo todo foi correndo para ver. Falavam que os caçadores haviam trazido uma pessoa estranha. E ficaram assim, admirados, olhando para ele...

Então, entregaram Biu para o cacique. Com certeza foi para o cacique que entregaram, porque sempre jogam a responsabilidade para o cacique...

E Biu ficava lá, sozinho na aldeia, sem fazer nada. O tempo passou e um dia ele começou a chorar. Chorou, chorou, chorou assim:

– *Hanatxi, hanatxi, biu nōirasa aritókre!* Eu gostaria de chupar a flor celeste! – foi assim que ele chorou.

– Vejam! Ele está chorando! Está querendo a flor celeste! – disseram as pessoas da aldeia.

E o povo antigo saiu para procurar a espécie de flor que ele queria. Trouxeram muitos tipos de flor, mostrando cada uma... e nada! Não aceitou nenhuma flor.

– Não é essa que eu quero!

E ficou um tempo por lá. Foi ficando, ficando e ficando. Depois chorou novamente, do mesmo jeito.

– *Hanatxi, hanatxi, biu nōirasa aritókre!* Eu gostaria de chupar a flor celeste! – foi assim que chorou.

– Vamos procurar a flor celeste! – disseram os homens.

E saíram para procurar. E não encontraram o que ele queria.

Não é essa que eu quero! É a flor celeste! – ele disse.

Na verdade, o que ele queria era fumo. A fumaça de fumo subindo para o céu ele chamava de flor celeste.

Mas o povo só descobriu porque no outro dia o ancião da aldeia falou que ia visitar a Chuva.

– Eu vou visitar a Chuva que trouxeram para cá.

E esse senhor foi fumando. A fumaça requebrando para lá e para cá, subindo... De longe, Biu viu a fumaça. Ele se alegrou e falou:

– Ah! Aquela é a flor celeste. Isso que eu queria!

Correu até o velho e tomou dele o seu fumo, dizendo:

– Isto que se chama flor celeste!

Fumou, fumou e logo foram se formando, acima de sua cabeça, as nuvens da chuva. E o povo ficou encabulado:

– *Hèbè!* Nossa! É isso então que ele chama de flor celeste!

Logo depois, começou a chover. E as pessoas perguntaram para ele:

– Como é que você chove?

– Pela minha barriga! – foi assim que respondeu.

– Como é que você faz o barulho do trovão?

– Só bato na minha barriga! – respondeu.

– Como é que você faz o relâmpago?

- Só pisco os meus olhos – explicou Biu.
- Então, faça o relâmpago para vermos – pediram todos.
- Não! Não posso! Senão todo mudo morre! – foi assim que a Chuva falou.
- Só um pouco, só para experimentar, para que possamos ver! – eles insistiram.
- Está bem! Então, vamos lá.

Ele fumou e a chuva foi se formando. Então começou a chuveirar. Logo ele piscou os olhos e um relâmpago saiu! Todos que estavam ali perto caíram no chão desmaiados.

Biu ficou olhando para as pessoas desmaiadas. Logo tirou uma colher feita de caramujo, desses que ficavam na beira do lago, mas que hoje em dia não se vê mais. Era bem compridinha, a colher. E essa colher, ele passou na planta dos pés de cada um dos que estavam desacordados. Essa colher, ele deve carregar sempre com ele... E foi passando na palma das mãos de cada um. E logo todos acordaram e disseram:

- É verdade mesmo! Inacreditável!

Biu continuou vivendo na aldeia por um tempo. Ficou, ficou, ficou, até que um dia falou:

- Agora vou embora!
- Sim, você pode ir – concordaram.

E Biu voltou para o lugar de sua origem. Ele subiu, subiu, voando, à vista de todos da aldeia.

Foi assim! Essa é a história da Chuva.

Ynyxiwe que trouxe o Sol e outras histórias do povo Karajá de
Angela Pappiani, São Paulo: Ikore, 2014.

De como Pedro Malasartes cozinhava sem fogo

Chegando, certa vez, Pedro Malasarte à cidade, logo se meteu em divertimentos e gastou todo o dinheiro. Mas antes que ficasse de todo limpo comprou uma panelinha de ferro, com três pés para apoiar sobre o fogo, uma matula e seguiu viagem.

Já era por umas onze da manhã, quando avistou um rancho desocupado. Apertado de fome resolveu descansar ali. Fez fogo, pôs a panela de três pés com a matula para aquecer.

Mal acabou de aquecer a matula, vinha chegando uns tropeiros. Pedro Malasartes mais que depressa pôs um monte de terra sobre o fogo, de modo que não ficou um graveto à vista, e ficou muito quieto diante da panelinha que fumegava.

Os tropeiros vendo aquilo ficaram muito espantados e perguntaram:

- Que moda é essa, caboclo, de cozinhar sem fogo?

Pedro respondeu logo:

- Isto não é para todos. Pois não vêem que minha panela é mágica?
- Então, ela cozinha sem fogo?
- É como estão vendo, e a qualquer hora. Mas como o médico me disse que estou por

poucos dias e precisando de dinheiro para encomendar o corpo, posso negociá-la.

Os tropeiros viram na panela um verdadeiro achado; provaram da comida e acharam tudo muito bom.

Compraram a panela, pagando por ela o preço que Pedro Malasartes lhes pediu.

Vinha caindo à noite, quando os tropeiros foram cozinhar sem fogo e deram com a trapaça de Malasartes, que já tinha sumido nesse mundo de Deus.

Pois foi assim que aconteceu e já lá vão quarenta e cinco anos ou talvez cinqüenta, que nisto de contagem de anos não sou nenhum sábio da Grécia.

As aventuras de Pedro Malasartes

Nanã oferece o material para a criação da humanidade

Olodumaré criou o mundo, e buscou fazer da sua criação a maior perfeição que podia. Trabalhou duro deixando cada canto embelezado com flores, árvores, mares, montanhas e neve. Quando tudo ficou pronto só faltavam os moradores do mundo. Oxalá, empolgado com a beleza criada por Olodumaré, pediu a licença para ele criar os moradores, ou seja, a humanidade.

Primeiro tentou fazer a humanidade com a água, mas era muito mole e o molde deslizava pelas suas mãos antes mesmo de conseguir uma primeira forma. Desistiu da água e tentou o fogo, mas mal conseguiu começar a trabalhar e já se queimou, no mais, o fogo destruiria toda a criação de Olodumaré. Aí tentou com o ar, mas foi impossível, pois, mesmo para uma deidade, é difícil pegar o ar com as mãos.

Quando já estava sem saída para encontrar qual seria a matéria prima da humanidade, apareceu dançando em seus passos devagarinho e levando uma vassoura nas mãos, a velha Nanã Boruquê. Ela ofereceu a Oxalá o barro, o seu elemento de força, para criar a humanidade, mas disse que haveria uma condição. Assim foi acordado entre os deuses que depois de ter cumprido um ciclo inteiro cada ser feito no barro deveria ser devolvido ao seu lugar primordial, a terra novamente que era de sua zeladoria.

Oxalá começou então a moldar a humanidade caprichando em cada detalhe, olhos, boca, braços, cabelos, estava ficando uma perfeição. Naquele dia, porém passava por ali outro deus, o senhor da traquinagem, aquele que com sua malícia sempre garante o inesperado no decorrer da vida, senhor Exu. Enquanto Oxalá trabalhava no seu ateliê, Exu deu uma espiada pela fresta da porta para conferir como estava ficando a humanidade, e se assustou em ver algo tão careta. Estava tudo igual, todos os seres humanos um igualzinho a outro, e Exu sabia que isso não daria certo, pois não haveria nenhum tipo de instabilidade na vida.

Então Exu entrou pela porta e elogiando a obra de Oxalá ofereceu a ele como brinde, um pouquinho de sua bebida preferida, a cachaça. Oxalá ouvindo tantos elogios bebeu, e ao ouvir

outros elogios exacerbados de Exu, bebeu mais um pouco, ai começou a se empolgar com a situação e tomou logo a garrafa toda. Exu, quando Oxalá estava completamente bêbado, se despediu e disse que ele não deveria parar de trabalhar em seu maravilhoso projeto.

Oxalá, embriagado começou então a perder a mão na sua obra. Aí uns foram ficando achatados, outros, esticados demais, outros muito cheios de argila, outros com os olhos bem pequeninhos e esticados, outros com os cabelos lisos enquanto outro tinha os cabelos enrolados e outros até sem cabelo. Com todos absolutamente diferentes mandou sua obra para o forno, e estava tão bêbado que esqueceu a primeira fornada e queimou muito, e depois tirou a outra fornada cedo demais e ficou muito branco. Enfim, pela manhã quando Olodumaré foi ver o resultado do trabalho de Oxalá, encontrou tudo uma bagunça e ele de ressaca jogado meio à humanidade.

Quando Oxalá acordou e viu o que havia criado, seu coração se abriu de compaixão. Ele disse a Olodumaré que ele seria eternamente o responsável pela humanidade. E compreendeu que a diferença que havia criado entre as pessoas era o que necessitava. E desde esse tempo é assim, na diversidade aprendemos o amor verdadeiramente. Mas sobretudo, quando tudo acaba, voltamos aos braços da velha Nanã, para decantar em suas águas barrentas, como o combinado com Oxalá.

A sabedoria de Buda

Diz que era uma vez , quando Buda caminhava calmamente por uma densa floresta, ele resolveu sentar-se embaixo de uma linda árvore. Cerrou os olhos e uma luz começou a emanar de seu corpo. E um cheiro de flores começou a espalhar-se.

A floresta inteira parecia paralisada e enfeitiçada por aquele ser desperto. Um dos primos de Buda, Devadata sentiu a presença do mestre na floresta e resolveu segui-lo para observá-lo.

Devadata era um homem ciumento e invejoso, que passava a maior parte do tempo falando mal de Buda.

Ele ficou escondido e quando Buda começou a caminhar por uma estrada estreita, ele foi atrás, e viu que mais à frente havia um pequeno penhasco acima da estrada.

Ele chegou lá primeiro e decidiu jogar uma pedra na cabeça de Buda. E assim ele o fez.

Depois correu para olhar embaixo, e foi então que ele viu que a pedra havia caído ao lado da cabeça de Buda. E ele estava com o rosto sereno.

Os olhos dos dois se cruzaram por alguns segundos, quando Buda olhou pra cima. Devadata abaixou a cabeça e desapareceu pela floresta.

Algumas semanas depois, Buda chegou a uma cidade próxima e os dois encontraram-se novamente numa ruela próxima ao mercado principal.

Buda disse ao primo “ Bom dia, Devadata”, com um sorriso no rosto.

Devadata não entendia porque buda ainda o cumprimentava e com um sorriso! Então ele perguntou:

“Mestre, você não está bravo comigo?”

“Ora, por que eu estaria?” disse Buda com uma serenidade indescritível. Devadata ainda lhe disse:

“Mas você não se lembra da pedra”? Do penhasco?

Foi então, que Buda deu três passos na direção de seu primo, tomou-lhe das mãos e disse-lhe:

“Hoje você não é mais aquele homem que jogou a pedra e eu, eu não sou mais aquele homem que viu a pedra cair ao seu lado.”

Devadata respirou e seguiu seu caminho. Buda desapareceu.

Conto da tradição oral da Índia - recontado por Elaine Dauszuk

O Caso do Espelho

Era um homem que não sabia quase nada. Morava longe, numa casinha de sapé esquecida nos cafundós da mata.

Um dia, precisando ir à cidade, passou em frente a uma loja e viu um espelho pendurado do lado de fora. O homem abriu a boca. Apertou os olhos. Depois gritou, com o espelho nas mãos:

- Mas o que é que o retrato de meu pai está fazendo aqui?
- Isso é um espelho - explicou o dono da loja.
- Não sei se é espelho ou se não é, só sei que é o retrato do meu pai. Os olhos do homem ficaram molhados.

- O senhor... conheceu meu pai? - perguntou ele ao comerciante.

O dono da loja sorriu. Explicou de novo. Aquilo era só um espelho comum, desses de vidro e moldura de madeira.

É não! - respondeu o outro. - Isso é o retrato do meu pai. É ele, sim! Olha o rosto dele. Olha a testa. E o cabelo? E o nariz? E aquele sorriso meio sem jeito?

O homem quis saber o preço. O comerciante sacudiu os ombros e vendeu o espelho, baratinho. Naquele dia, o homem que não sabia quase nada entrou em casa todo contente. Guardou, cuidadoso, o espelho embrulhado na gaveta da penteadeira.

A mulher ficou só olhando.

No outro dia, esperou o marido sair para trabalhar e correu para o quarto. Abrindo a gaveta da penteadeira, desembulhou o espelho, olhou e deu um passo atrás. Fez o sinal da cruz tapando a boca com as mãos. Em seguida, guardou o espelho na gaveta e saiu chorando.

- Ah, meu Deus! - gritava ela desnorteada. - É o retrato de outra mulher! Meu marido não gosta mais de mim! A outra é linda demais! Que olhos bonitos! Que cabeleira solta! Que pele macia! A diaba é mil vezes mais bonita e mais moça do que eu!

- Quando o homem voltou, no fim do dia, achou a casa toda desarrumada. A mulher, chorando sentada no chão, não tinha feito nem a comida.

- Que foi isso, mulher?
- Ah, seu traidor de uma figa! Quem é aquela jararaca lá no retrato?
- Que retrato? - perguntou o marido, surpreso.
- Aquele mesmo que você escondeu na gaveta da penteadeira! O homem não estava entendendo nada.

- Mas aquilo é o retrato do meu pai! Indignada, a mulher colocou as mãos no peito:
- Cachorro sem-vergonha, miserável! Pensa que eu não sei a diferença entre um velho lazarento e uma jabiraca safada e horrorosa?

A discussão fervia feito água na chaleira.

- Velho lazarento coisa nenhuma! - gritou o homem, ofendido.

A mãe da moça morava perto, escutou a gritaria e veio ver o que estava acontecendo. Encontrou a filha chorando feito criança que se perdeu e não consegue mais voltar pra casa.

- Que é isso, menina?
- Aquele cafajeste arranhou outra!
- Ela ficou maluca - berrou o homem, de cara amarrada.
- Ontem eu vi ele escondendo um pacote na gaveta lá do quarto, mãe! Hoje, depois que ele saiu, fui ver o que era. Tá lá! É o retrato de outra mulher!

A boa senhora resolveu, ela mesma, verificar o tal retrato.

Entrando no quarto, abriu a gaveta, desembulhou o pacote e espiou. Arregalou os olhos. Olhou de novo. Soltou uma sonora gargalhada.

- Só se for o retrato da bisavó dele! A tal fulana é a coisa mais enrugada, feia, velha, cacarenta, murcha, arruinada, desengonçada, capenga, careca, caduca, torta e desdentada que eu já vi até hoje!

E completou feliz, abraçando a filha:

- Fica tranquila. A bruaca do retrato já está com os dois pés na cova!

Conto popular recontado por Ricardo Azevedo.

A moça e a vela

Minha filha – dizia sempre a mãe de uma moça que tinha por costume ficar à janela até as tantas da noite –, quem se deixa ficar à janela até alta hora vê coisas que não deve ver. Isso é exemplo dos antigos que sabiam mais do que nós.

– Qual o quê! – dizia a moça, nunca vi nada de espantar. Não tenho sono, não hei de dormir com as galinhas.

A mãe repetia-lhe sempre o conselho, mas a moça com quem ia às vezes falar o namorado, continuou com seu costume.

Vai por uma vez estava a teimosa à janela, quando, ao soar a última badalada da meia-noite, viu aproximar-se lhe uma figura, envolta num hábito muito branco, caminhando com passo apressado e trazendo, numa das mãos, uma vela acesa. A moça estava tão distraída, a pensar nos seus amores e naquele que esperava, que nem pavor sentiu. Foi como se não tivesse visto nada.

O desconhecido saudou-a e, apagando a vela, pediu-lhe que lha guardasse até sua volta.

Maquinalmente a rapariga foi colocar a vela sobre o leito e, quando voltou, já não encontrou mais o desconhecido.

Nem se lembrou do conselho da mãe nem a aparição lhe causou o menor abalo. Continuou à janela toda preocupada com os seus pensamentos de amores.

Às duas da madrugada, que é quando as almas penadas se recolhem, ela ainda estava apreciando a noite. O desconhecido chegou-se rapidamente e pediu-lhe a vela.

A moça foi buscá-la ao leito, mas soltou um grito de horror. Em vez de vela, se lhe apresentou um esqueleto, estendido na cama. A caveira ergueu-se e foi, diante de seus olhos, saindo pela janela, como se fosse uma pluma.

Desde esse dia a moça ficou pateta, rindo e chorando à toa, e foi exemplo a todas as filhas desobedientes, no lugar onde esse caso se deu.

Contos Tradicionais do Brasil, Câmara Cascudo

Contato: projetos@artedespertar.org.br

FORMAÇÃO EM NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS

BIBLIOGRAFIA

- ALCOFORADO, D. F. X e ALBN, M. D. R. S. **Contos populares brasileiros: Bahia**. Salvador, Editora Universitária. 1996.
- ANDERSEN, Hans Christian. **Histórias maravilhosas de Andersen**. São Paulo, Companhia das Letrinhas. 1995.
- ARRABAL, José. **Histórias do Japão**. São Paulo, Editora Peirópolis. 2004.
- ASH, Russell. **Fábulas de Esopo**. São Paulo, Companhia Das Letrinhas.
- AZEVEDO, Ricardo. **Armazém do Folclore**. São Paulo, Editora Ática.
- _____. **Contos de enganar a morte**. São Paulo, Editora Ática.
- _____. **Contos e lendas de um vale encantado: um passeio pela cultura popular do vale do Paraíba**. São Paulo, Editora Ática. 2010.
- _____. **Histórias de bobos, bocós, burraldos e paspalhões**. São Paulo, Editora Ática. 2009.
- _____. **No meio da Noite Escura tem um Pé de Maravilha**. São Paulo, Editora Ática.
- BARBOSA, Rogério Andrade. **Histórias Africanas para Contar e Recontar**. Editora do Brasil.
- BENJAMIN, Walter. **O narrador. Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BENTES, Frank; YAMÃ, Yaguare. **O caçador de histórias**. São Paulo, Editora Peirópolis. 2004
- BLUM, Claude. **O homem frondoso e outras histórias da África**. São Paulo, Editora Cia das Letrinhas 2011.
- BRENMAN, Illan, ZILBERMAN, Ionit. **As 14 Pérolas da Índia**. São Paulo, Brinque-book.
- CAMIGLIERI, Laurence; HUISMAN, Georges; HUISMAN, Marcelle. **As mais belas lendas da idade média**. Editora WMF MARTINS FONTES.
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do Mito**. Editora Palas Athenas.
- Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo - ProAC-ICMS
Arte Despertar – Histórias que contam histórias
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3. Ed.. Belo Horizonte, Itatiaia, 1984.
- _____. **Lendas Brasileiras**. Editora Global.
- CESCHI, Cristiana. **A Menina, o Cavalo e a Chuva – a arte de contar histórias e a cibercultura**. São Paulo. Dissertação de mestrado.
- COSTA Elizabeth Rodrigues da; ROMEU Gabriela. **TUTU-MORINGA, História que tataravó contou**. Companhia das Letrinhas. 2013.
- ESTES, Clarissa Pinkola. **Contos dos Irmãos Grimm**. Editora Rocco.
- _____. **Mulheres que correm com lobos**. Rio de Janeiro: Rocco,1994.
- FERON, Jose. **As mais belas lendas da mitologia**. Editora WMF Martins Fontes.
- GANDON, Odile. **Deuses e heróis da mitologia grega e latina**. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes.
- GIRARDELLO, Gilka; FOX, Geoff. **Baús e Chaves da Narração de Histórias**. Florianópolis, SESC, Milbocas. 2004.
- GRILLO, Julia. **O Guerreiro Invisível e outros contos do temp**. Editora: Jaguatirica, 2014
- JACOBS, Joseph (org.). **Contos de Fadas Indianos**. São Paulo. Editora Landy, 2003.
- JECUPÉ, Kaká Werá. **Tupã Tenondé a criação do universo da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guarani**. Editora Peirópolis.
- _____. **As fabulosas fábulas de Iauaretê**. Editora Peirópolis.
- _____. **Terra dos mil povos. A História indígena do Brasil contada por um índio**. Editora Peirópolis.
- JEKUPÉ, Olívio. **Verá – O contador de histórias**. São Paulo, Editora Peirópolis. 2003.
- KIKUTI, Débora. “As histórias conseguem” in **Contaço de Histórias. Tradição, Poéticas e Interfaces**. São Paulo, SESC, 2016.
- LANG, Jean. **Mitos Universais. Mitos e Lendas dos povos europeus**. São Paulo. Editora Landy, 2002.
- LARROSA, Jorge. **Nota sobre a Experiência e o Saber da Experiência**. In Revista Brasileira de Educação, n19 jan-abril 2002.
- LEOURIER. Christian. **Contos e Lendas da Mitologia Celta**. Editora WMF Martins Fontes. 2008.
- LESSA, Sandra. **O narrador está em quem ouve – o estudo de histórias de vida no trabalho do ator**. São Paulo, NEA. 2015.

- LIMA, Heloisa Pires. **O espelho dourado**. São Paulo, Editora Peirópolis. 2003.
- LISBOA, Henriqueta. **Literatura Oral para a Infância e a Juventude. Lendas, Contos e Fábulas populares no Brasil**. São Paulo, Editora Peirópolis. 1985.
- MACHADO, Ana Maria. **Histórias Africanas**. São Paulo, FTD, 2014.
- MACHADO, Regina. **A Arte Da Palavra E Da Escuta**. São Paulo, Reviravolta – Cia das Letras. 2015.
- _____. **A Formiga Aurélia e Outros Jeitos de Ver o Mundo**. São Paulo, Cia da Letrinhas. 1998.
- _____. **Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo, DCL – Difusão Cultural. 2004.
- _____. **Nasrudin**. São Paulo, Cia das Letrinhas. 2001.
- _____. **O violino cigano E outros contos de mulheres sábias**. Cia da Letrinhas. 2004
- MATOS, Gislayne Avelar. **O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- MEIRELES, Cecília Meireles. **Problemas da literatura infantil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3a ed, 1984.
- MELLON, Nancy. **A arte de contar histórias**. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 2006.
- MINDLIN, Betty. **Terra Grávida**. São Paulo, Editora Rosa dos Ventos. 2001.
- MUNDURUKU Daniel. **As serpentes que roubaram a noite**. São Paulo, Editora Peirópolis. 2001.
- MUNDURUKU, Daniel. **Contos Indígenas Brasileiros**. São Paulo, Editora Global. 2005
- NIEMEYER CESARINO, Pedro. **Histórias Indígenas Dos Tempos Antigos**. São Paulo, Editora Claro Enigma. 2015.
- OLIVEIRA, Kiusam de. **O mar que banha a ilha de goré**. São Paulo, Editora Peirópolis. 2014.
- PIMENTEL, A. A. **Estórias da boca da noite**. Brasília, Thesaurus. 1976.
- PRANDI, Reginaldo. **Contos e lendas afro-brasileiros - a criação do mundo**. São Paulo. Cia das Letras.
- _____. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo, Cia das Letras. 2000.
- ROCHA, Ruth. **Contos de Perrault**. São Paulo, Salamandra. 2010.
- SALERNO, Silvana. **Viagem pelo Brasil em 52 histórias**. São Paulo, Companhia das Letrinhas. 2007.
- SHAH, Idres. **Histórias dos dervixes**. Rio de Janeiro, Editora Roça Nova. 2010.
- SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Editora Argos. 2001.
- _____. **Box Nasrudin: as façanhas do incomparável... Nasrudim**. Rio de Janeiro, Editora Roça Nova. 2016.
- SCOTT, Nora. **Pequenas fábulas medievais**. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes. 1995.
- SOLER-PONT, Anna. **O príncipe medroso e outros contos africanos**. São Paulo, Seguinte – Cia das Letrinhas. 2009.
- VARELLA, Felipe. **Nasrudin 99 Contos**. Rio de Janeiro, Editora Caravana de Livros. 2009.
- WILKINSON, Philip. **Mitos e lendas - origens e significados**. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes. 2010.
- YAMÃ, Yaguare. **Murugawa - mitos, contos e fábulas do povo maragua**. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes. 2007. _____ . **Sehaypóri: o livro sagrado do povo Saterê-Mawé**. São Paulo. Editora Peirópolis. 2007.